

COELHO NETTO
RHAPSODIAS

COELHO NETTO

DOAÇÃO

Des. Alameda Lima Filho

Rhapsodias

Ce sont icy mes fantaisies par lesquelles je ne tasche point de donner a cognoistre les choses, mais moy..

MONTAIGNE.

SEGUNDA EDIÇÃO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1911

A'

MINHA MULHER

*Não se refaz o passado o que foi
pertence ao tempo. Se eu corrigisse
os contos deste livro trahiria a
minha mocidade. Restauram-se te-
las, avivam-se cores, recenam-se
molduras, mas o que o pincel tra-
çou, isso fica perenne.*

*A parte material do livro ha de
soffrer modificação, os contos sahem
como os compuz. Assim os imaginei
e tracei aos vinte annos, fiquem
como me sahiram d'alma juvenil.*

*Hoje eu não os escreveria, mas
que saudade tenho do tempo em que
os escrevi!*

GOELHO NETTO.

A Forma

Por ella o meu sangue, toda minh'alma para resguardal-a : é o meu amor, é o meu idolo, é o meu ideal — a Forma.

Para mim ella é a synthese, a concreção de tudo que é bello, de tudo que é puro, de tudo que é grande.

Teve o seu berço no Paraiso — foi feita de luz como todos os astros e, creada, tornou-se o modelo de todas as obras primas que têm sahido da altissima officina onde Deus trabalha ha mil-enios.

A' noite, quando o ceu constellado lembra uma enorme palheta suspensa, uma artista invisivel labora no espaço — é a discipula do Creador, a espiritualidade sonora, a Forma, que dá feição, contorna e burila as coisas d'este baixo mundo. Ella, luz como é, tem, como todo clarão, o dom da ubiquidade — trabalha tanto no corpo da flor como no profundo labyrintho subterraneo onde o diamante, luz de pedra accende-se. Palpita em tudo : na luz impalpavel — foi ella que fez as aureolas e os halos; as miragens são debuxos seus nos desertos calados :

— tinta, o sol, unicamente o sol. Nas hervas, ella é que veste os bravios espinhaes de botões, ella é que corôa de flores os troncos centenarios fazendo pensar, quando a gente os encontra, nos velhos satyros exauridos, mas sempre com os vistosos pampanos á fronte e torsaes de rosas nos quadris. Ella é que torna serenas as noites, ella é que as torna tempestuosas. D'ahi uma diversidade de estylos de noites.

As noites de crescente : o ceu parece um braço do outono — em campo azul estrellas como espigas e no meio a foice de ceifar cahida. Forma primitiva das pastoraes. A impressão que nos deixa uma d'essas noites é toda de doçura; parece, ás vezes, que se está a ouvir um bando de harpas distantes soando em concerto, de repente, porém, espirra uma estrella alastrando de luz o ceu penumbrado — é como se um homem do campo jogasse o laço claro ao armentio para prender pelas aspas um touro rebelde.

Vêm á imaginação as bucolicas antigas — é a Forma lyrica no espaço.

Tempo do plenilunio, noites romanticas. A Forma amenisa, uniformisa tudo espalhando, conjuntamente com o pallor da lua, tal ou qual sonoridade que a gente não sabe bem se desce das estrellas ou se sobe da terra concentrada.

Têm-se, durante essas noites, a impressão de uma leitura mansa, alguma coisa como uma ballada tirando ao genero de Umland.

Resta uma referencia — a derradeira.

Nas espessas noites sem luz, noites opacas, feitas para feriado das estrellas, restos de cháos, lembranças da primitiva sombra, a Forma deixa o buril com que rendilha Althaïr, a igual ao sol, toma proporções titanicas e, como no tempo da gigantomachia, põe-se a amontoar cirrus sobre cirrus, cumulus sobre cumulus. Vê-se, de quando em quando, o flammante cinzel do fulmen desbastar uma nuvem, os ventos levam de roldão em roldão as ampolas escuras; ruge, estrepita, estronda a estropeada dos trovões longinquos; ha uma concentração primeiro, subito tudo explode em formidando embate rispido — é a tormenta, a Forma epica da noite.

Era por essas occasiões que os guerreiros germanicos viam passar, malhando com o camartello, Thor, o aereo, Thor, o deus das trovoadas, galgando nuvens, com a cabelleira solta, rangendo os dentes e arrancando ao espaço, a cada martellada, faiscas vermelhas de coriscos.



A Forma incumbe-se da harmonia e, quanto aprendem nesse livro hieratico os que contemplan o ceu, os que se voltam para o alto de onde desce tudo, de onde tudo emana!

A Forma está no meio ambiente — sentimol-a como sentimos o perfume. Ella é que nos tonifica a alma e depuranos a imaginação.

Para tel-a é mister que a revelemos com o auxilio de todas as nossas forças espirituaes.

COELHO NETTO

Pouco a pouco vamos vendo os seus traços : ora em um periodo — é já uma volta, é já uma transposição, uma palavra que entra, um termo que nos apparece — é a musica, é a harmonia, é a sonoridade, é o rythmo.

E' na tela onde apenas o debuxo existe — a linha avigora-se ou esgarça-se, apparecem os matizes; joga aqui um colorido contrastando com outro, afinam-se as tintas, combinam-se os tons, desenvolve-se a perspectiva, a sombra oppõe-se á claridade. A luz alastra por aqui larga e ardentissima, ali uma penumbra abafa o ramo, esconde o grupo, vela cantos de ceu e trechos de arvoredos e tudo converte-se pela força superior da Forma, que é o ultimo avatar da Arte.

Na esculptura — deve-se-lhe a expressão externa, que é a ficção da vida; deve-se-lhe a attitude, deve-se-lhe a desenvoltura — a vida da pedra, o que a parece fazer sentir, mover-se, ameaçar descer do pedestal para entrar na communhão dos homens ou para subir ao seu lugar no ceu. Tudo é devido á Forma. *Venus e Moysés, Perseu e o Centauro, o Juizo Final e a Conceição, a Divina Comedia e as Georgicas, Hamlet e as Contemplações* — são expressões da Forma em suas diversas manifestações.

∴

O seu culto, nasceu com o primeiro olhar do homem.

Solto na bravia natureza, cercado de collossos : os montes verdes, os vegetaes extravagantes, desde o baobab frondoso, a tenda natural das caravanas, até o feto, a renda graciosa do campo, o barbaro começou a examinar o seu dote.

Aqui eram as arterias dos rios fugindo, a cantar, por entre as fraguas e as veias dos corregos suaves; ali pontas de rochas escabrosas, nuas como ossarias escarnadas, o ceu por cima e, numa fuga constante, nuvens itinerando e, entre azul e verde, de um para outro lado, como tintas canoras, passaros fugindo; os insectos, pingos de colorido vivos, descendo pelas hasles e as teias de aranhas, como pequeninas redes, rutilando ao sol entre os galhos torcidos,

Mais adiante a flor — elle começou a admirar-a. Havia na diminuta maravilha alguma coisa que a assemelhava á estrella, elle não sabia bem que era, sentia-o, entretanto. A estrella era feita de claridade e desabotoava luminosamente, a flor era feita de aroma e desabotoava balsamica; ambas nasciam a noite, ambas tinham arestas. Uma constellação lembra um rosal carregado e, foi tão forte a impressão que teve o barbaro, que em sua alma, de certo, surgiu esta interrogação : « Como não tem luz a flor? Como não tem perfume a estrella? » E começou a adoração da Forma : tanto os olhos queriam a estrella-flor como procuravam pela flor-estrella — era o feticchismo artistico.

O mar depois, o grande mar variavel — como o barbaro sentiu-o !

Vista de longe, á hora cálida do sol, a immensidade estuante dava a idea de uma folha enor-missima de *caladium* manchada, aqui de pollen de ouro, ali cõr de aço polido, verde na maior parte e salpicada de azul como se um pulveri-sador espalhasse pela superficie das aguas tre-chos da formosa abobada cyanica.

A' noite confundia-se com a sombra, salvo se a lua vinha despertal-o para argentar-lhe as vagas e as espumas com os cadilhos brilhantes dos seus raios.

A Forma triumphava.

Deus fez o mundo em seis dias, no setimo a Forma começou a brunil-o.

E foi ella, a espiritualidade activa que entra pela alma e canta-lhe no intimo, que armou o primeiro homem contra'a besta, não para saciar a fome, mas para roubar a pelle mosqueada — a primeira capa que aqueceu e ornou as espa-duas humanas.

Era a victoria do Bello.

O desejo de enfeitar-se fez do barbaro um ini-migo terrivel, e começou a guerra aos passaros para a conquista das plumas e aos animalejos para a posse do arminho.

A mulher, querendo acompanhar a natureza, teceu a primeira capella de flores e cobriu-se de

rosas como as collinas, mal o inverno vai e a primavera chega.

A Forma poetica, a Forma litteraria, teve tambem o seu periodo barbaro — a musica foi a sua primeira manifestação — d'ella nasceu o rythmo.

O cerebro é uma especie de gruta hermeticamente fechada. A imaginação é como uma gotta perenne, sempre a cahir no solo da caverna, sonora e brilhante.

A' proporção que o periodo estellicida uma stalagmite vai se levantando, faz-se pyramide. O artista sente-a dentro de si, sente-lhe o peso, sente-a crescer aos poucos, lentamente, e, quando a tem por prompta, com um esforço arranca-a como se arranca um galho de coral e leva-a ao coração. Ella ahi aninha-se, ahi aquece-se embebe-se no sentimento e a bruta stalagmite começa a palpitar, move-se, illumina-se, torna-se, em pouco, um corpo animado.

E sahe do coração como sahem dos cadinhos os metaes depurados. Torna-se, então, mister a Forma.

Antigamente, com um pouco de trabalho desde que tivesse alguma *semelhança* com a idéa, estava prompta a obra d'arte, cuidava-se mais de conservar a materia prima — que tivesse muito sentimento era o que se queria — a idéa vinha apenas desbastada.

Hoje, porém, o bloco passa por um milhar de processos.

O artista desaresta-o, lima-o, burila-o, leva-o á alma, tral-o, examina-o allentamente e torna

á faina. Aqui alisa, ali preenche, fica horas e horas em um ponto ; afina, reloca, symetrisa e, quando tem prompta a stalagmite, ella é uma filigrana.

Mas, atravez do rendilhado, vê-se todo o sentimento, vê-se toda a alma como atravez de uma redoma vê-se a imagem de uma santa.

Depois desse trabalho fatigante, depois desse sacrificio á Forma o artista recolhe-se admirando o seu labor, mas, subito sente no cerebro a queda de uma gotta, de outra, de outra... Pára, é uma nova idéa que se cria, é uma nova stalagmite que se põe de pé.

E elle lá vai de novo ao torculo e a Forma, especie de torno ideal, começa a limar, a polir com um ruido sonoro que é a musica dos periodos.

..

Por ella o meu sangue, toda a minha alma para resguardal-a : é o meu amor, é o meu idolo, é o meu ideal — a Forma.



Pombos viajantes

Na brenha cerrada da minha tristeza, onde os sorrisos já não fazem ninho, viviam, pousados na arvore secca da melancolia, tres pombos carinhosos.

Dia e noite arrulhavam; ao pôr do sol, porém, um delles, turturinando, trazia-me ao coração maguas; acerbas maguas indefiniveis — era o mais escuro.

O menor, branco, niveamente branco, durante as noites de luar gemia, mas a sua voz, posto que fraca, tinha mais alegria muito mais alegria do que a voz soluçada do primeiro.

O ultimo, um grande pombo forte, de azas triumphadoras, capazes de vôos temerarios, dia e noite, cantava no ramo secco, olhando ora o sol, ora as estrellas.

Para viver melhor com elles dei-lhes nomes.

Chamei ao primeiro Saudade, ao segundo Amore Esperança ao terceiro.

Um dia, á hora mansa da tarde, tomei no punho o primeiro pombo e soltei-o no ar. Fiz o mesmo ao segundo, fiz o mesmo ao terceiro.

Voaram, ruflando as azas, foram-se, muito

alto, como se tomassem o rumo do ceu, como se fossem mariscar as clarissimas sementes que a noite começava a espalhar pelo espaço.

Foram-se!

Solitario, puz-me a pensar na madrugada proxima e na volta dos meus mensageiros.

Que me traria o pombo Amor de novo e os outros dois que novas me trariam?

Assim a pensar fitei os olhos no mesmo ponto — a brenha enchia-se de lentejoulas brilhantes.

A' proporção que a treva ia se fazendo mais espessa, apontavam mais estrellas e mais vagalumes appareciam como reflexos sydereos.

Extrema solidão!

Meus olhos, por mais que se alongassem, não conseguiam descobrir a luz das choças; a cantiga melancolica do zagal, no alto do monte, não me chegava aos ouvidos.

Olhar o ceu! Olhar o ceu! Fitei a vista nas estrellas.

Subitamente um gemido... outro mais doloroso... uma ruflalhada em torno de mim.

Voltei-me... e ia levantar-me quando alguma coisa rapida saltou para o meu hombro, depois para o meu punho, gemendo, gemendo sempre.

Corri á claridade, cheguei-me á luz da lua e olhei.

Eterna companhia! Não póde viver longe do coração... Sombra da vida extincta, espectro das lagrimas e dos sorrisos.

Eterna companhia! Era a Saudade, o pombo escuro.

O Amor e a Esperança passam de quando em quando junto de mim, demoram-se alguns instantes, mas, pela madrugada, fogem, voam turturinando. Elle só não me abandona, o pombo escuro, o que eu chamei Saudade, o triste, o melancolico, o dolente.



A nau

Achei-me, um dia, sobre o verde oceano, sem mastros, sem velame, sem maruja. Em torno de mim varias e differentes naus fluctuavam. Eu, presa a uma boia, sacudia-me com o balanço que as ondas faziam.

Trabalhadores invadiram-me. Dia e noite o martello batia. Construiram no meu bojo varios compartimentos, dividiram-me, depois fincaram no meu peito mastros enormes, especies de cruzeiros; pintaram-me, fizeram-me garrida e, pouco a pouco, fui-me sentindo afundar nas aguas calmas.

Um dia, pela manhan, homens armaram-me. Abriram pannos em todas as vergas, teceram teias negras de cabos e correntes e, subito, um tropel de marinheiros invadiu-me e ouvi, então, pela primeira vez, a canção da saudade.

Era forte e formosa; tinha dentes de aço e o echo retumbante da minha voz era repetido pelos ares longa e demoradamente. Meu grito matava, meu halito era de fumo espesso.

Uma madrugada senti que alguma coisa

repellia-me. Eu tinha as velas pandas e, lentamente, fui singrando o mar pacifico.

Dentro em mim palpitava, com um constante tan-tan, o meu formidavel coração de ferro.

..

Que bello o dia da partida!

Passei por entre alas de outras naus, orgulhosa como uma rainha e fui-me fazendo ao largo. Ao cahir da noite densa achei-me entre estrellas e aguas revoltas. O oceano já não era o mesmo.

Ondas cuspiam-me, ventos insultavam-me; a maruja, na faina, não parava e achei-me só, completamente só, na soledade tristissima de um mar tempestuoso.

De vez em vez uma ilha apparecia, o vento, porem, inchando as velas e um relógio que os homens consultavam faziam-me torcer involuntariamente o rumo. Ando, ha muito tempo, no mar, ancorando um dia em porto bonançoso, surgindo, ás vezes, em terriveis barras — entretanto a agulha sempre a mostrar o Norte e a voz do commandante sempre : Avante!

Tempestades me têm desmantellado, ventos passam por mim rasgando as velas, morrem marujos de fadiga, outros deixam-n'os ficar na esteira branca que é o meu rastro no caminho verde. Não sei para onde sigo. Avante! Avante sempre!

Mal saio de um porto, outro procura-o e ninguém mais pensa em mim. Buscam-me as tempestades e, ás vezes, tendo visto o que tenho visto andando, sinto saudade d'aquelle mar quieto e tão verde onde vivi durante tanto tempo, armando-me para tão longa travessia. E não poder tornar á quilha desarmada, pensando o que pensava : — que o oceano era como a mansa bahia onde me fiz tão forte e que as tempestades eram feitas com as brisas que me balançavam.

Hoje, que sou? pobre nau carregada — deixando mortos pelo caminho e tomando em cada porto um fardo novo e sempre a caminhar, velas ao vento, para o Norte fatal de onde nenhuma embarcação voltou jámais.



Como a nau da ballada eu tambem, cheio de aspirações, com as velas da esperança cheias, depois de me julgar bastante forte, fiz-me atrevidamente ao largo.

Frisos do oceano do carinho, como vos transformastes em vagalhões de males!

Crenças, maruja d'alma, como vos deixamos ficar na esteira de lagrimas — esteira branca da nossa rapida passagem!

Portos da fantasia, porque nos carregais a alma de illusões, para que, na hora da tempestade, alijemol-as todas no pelago das falsidades e dos desenganos!

COELHO NETTO

Sigo tambem o rumo fatal — o Norte é o meu termo. O Norte, o eterno paiz onde a esperança não desabrocha auroras, onde não ha sonhos, onde não ha beijos; o eterno paiz da sombra, silencioso e opaco, onde, em compensação, ninguem mais soffre.

E' para lá que caminho por esse mar de procella, batido pelas tempestades de todas as agonias e de todas as desesperanças.



A mais feliz das tres

Na Via Lactea, entre estrellas balbuciantes, á hora em que os astros acordam encontraram-se, por acaso, tres almas purissimas de virgens. Saudaram-se e travaram conversa :

— Eu fui princeza, disse uma. Sobre o mausoleu onde deixaram meu corpo ha um cypresta de prata e um archanjo de marmore guarda severamente os meus despojos.

Tenho saudade dos lirios do meu jardim.

— Eu fui monja, disse a outra. Sobre o tumulo onde ficou a carne em que morei, chovem os psalmos das religiosas e as flôres dos que vão correr o claustro. Tenho saudade do Angelus saudoso, á hora melancolica da tarde quando brincam e recolhem-se as andorinhas mansas.

E a terceira disse :

— Eu fui pastora. Meu corpo está no humilde cemiterio da aldeia. Guarda-o meu noivo. Quando não ha flôres nos galhos, elle desfolha o coração e espalha sobre a minha cova as petalas do pranto.

Tenho saudade do meu noivo.

Uma estrella cadente que fugia, ouvindo a con-

COELHO NETTO

versa das almas immaculadas, perguntou á outra estrella que surgira na tréva :

— Qual a mais feliz das tres, irman radiante?

— A noiva, porque foi amada, respondeu a estrella que surgira.



Asalamandra

Na cova profunda, acocorado diante de um brazido, o solitario meditava.

Illuminadas pelo fogo, as barbas longas, escorrendo-lhe pelo peito nú, pareciam de chamas e a cabelleira selvagem tomava tons doirados quando elle sacudia a tremula cabeça.

A lenha crepitava e o velho, com o braço estendido, tinha na palma da mão um corpusculo purpureo que se movia em colleios erguendo-se, rojando-se, torcendo-se com um reluzir de ouro novo.

Os olhos attentos do eremita não se apartavam do animalculo rubro, e, ora os seus labios sorriam, ora a sua fronte carregava-se.

Entrei na cova profunda e delive-me a contemplal-o, sem falar, sem mover-me, impressionado com aquelle estudo da chamma.

Afinal, curioso do mysterio, aproximei-me do velho.

Dando subitamente commigo, pòz-se de pé,

fechou a mão e encarou-me, mas, reconhecendo-me, sorriu e acocorou-se de novo.

— Que estudas? perguntei.

— A vida mysteriosa. E, abrindo a mão, mostrou-me o animalejo : Conheces?

— Não.

— E' uma salamandra. Está a morrer, repara.

Olhei. A rubra lagarta escabujava.

— E' muito pequena ainda. E, de repente, ás pressas, pôz-se a deitar gravetos na fogueira quasi extincta, e, como a chamma crescesse, nellas lançou a lesma ardente.

Pouco a pouco foi o animal recuperando a vida. começou por mover-se lentamente, colleou depois, subiu a uma braza, e, subito, começou a rabear como um corisco no vermelho fogareu da cova.

E o velho, radiante, a bater as palmas, levantou-se balbuciando palavras cabalisticas, a saltar em torno das labaredas onde a salamandra nadava

Amor, meu doce amor, teus olhos negros queimam quando fuzilam de paixão, abraçam teus olhos negros, nem eu sei como posso admirar-os, entretanto, minh' alma, como a salamandra,

gosta de viver dentro das pyras, gosta de adormecer na chamma viva dos teus olhos e tanto que de ti me afasto sinto-a logo estremecer pedindo a luz ardente das pupillas, como a salamandra rubrapede, para viver, a chamma forte dos brazeiros.



Estrellas

— E' curioso, disse o pastor olhando-me a fito.

Nós outros, pastores, nascidos e creados na montanha, não admittimos que ninguem saiba melhor do que nós a historia das estrellas. O peregrino deve concordar commigo — nós, pastores, temos na terra o rebanho e as estrellas no ceu... que mais? Conhecemos todas as ovelhas e entendemol-as -- um balido no valle diz mais do que todos os recados, sabemos se a ovelha chora ou se chama pelo seu macho. Não ha um só homem da planicie que perceba o segredo dos animaes pela voz ou pelos olhares; nós outros percebemos.

Dá-se o mesmo com as estrellas.

Não ha zagal que as não conheça todas pelo nome : sabem onde moram, a que horas sahem, a que horas se recolhem, quando estão doentes, quando estão de amor. Mas o senhor, moço peregrino, o senhor conhece melhor do que os zagaes a historia das estrellas. O senhor, tem de certo, velado muita noite?

— Muita noite.

— E estudado muito?

— Muito.

— E em que montanha fica o peregrino para estudar os luzeiros?

— Em montanha alguma.

— Estuda da planicie?

— Sim.

— E qual é o canto do ceu que mais prefere?

— Um que ninguem conhece, que tem um oriente sempre purpuro, um oriente que canta. Um ponto de ceu sempre semeado de ouro e de rosas, um ponto de ceu por onde voam meus beijos e onde moram duas estrellas, essas que me ensinaram a vida das outras todas.

— E que nomes deu ás duas estrellas?

— Olhos azues, pastor. Simplesmente, unicamente olhos azues. Ahi tens como eu, que estudo no rosto de minha amada, sei mais do que os zagaes, sei mais do que os astrónomos a historia das estrellas.

O pastor, apoiado ao baculo, meneava com a cabeça balbuciando :

— Estrellas... olhos azues... Olhos azues... estrellas...

E eu desci porque já vinha chegando a saudade do beijo e elle lá ficou, no alto cimo, entre os carneiros, com o queixo no báculo, os olhos fitos no ceu, sempre a repetir :

— Estrellas... olhos azues... Olhos azues... estrellas.

A mina

— Lá no alto monte, entre as urzes maninhas, disse Silvano. Lá no alto monte! Ide ver. E' justamente perto do carvalho onde Lavinio, á tarde, sopra a flauta ou canta.

Lá no alto monte, entre as urzes maninhas. Montem, por acaso, á hora em que fui levar a ração ao pastor, attrahido por um passarinho, fiquei algum tempo junto do carvalho, a ouvir, furando a terra com o ferrão do meu cajado.

O passaro cantava no mais alto da arvore, e, d'entre as urzes maninhas, outro lhe respondia.

Fiquei a ouvir, a ouvir e a cavar com o ferrão do meu cajado.

De repente, baixando os olhos para a terra vi, no fundo da cova que eu abrira, vi no fundo da cova luzir alguma coisa — era como um pedaço de ouro.

Sem ouvir mais os passaros, puz-me a cavar e descobri, no fundo da cova, um filão maravilhoso : ouro do mais fino, como não ha em reverbero de santo.

Entre os moços canoeiros — pescadores do rio, pescadores do lago — houve um grande alvoroço.

Queriam todos ir ao monte, ver a mina de ouro e Silvano, arrependido de haver contado o seu segredo, negou-se a acompanhá-los, limitando-se a dizer, mostrando a serra :

— Ide! E' lá no monte, entre as urzes maninhas, junto do carvalho onde Lavinio, á tarde, sopra a frauta ou canta.

E os canoeiros partiram.

Subindo a montanha, uns pensavam em comprar grandes canoas, outros em edificar palacios, ricos como os dos fidalgos; outros, lembrando-se do proximo noivado, diziam baixinho : que a capella teria grandes cirios e que o tapete do adro seria todo de flores.

Chegaram, emfim, ao alto do monte, entre as urzes maninhas. Era justamente á hora do cair da tarde.

Lavinio, entre as ovelhas, cantava sentidamente.

Os pescadores cercaram-n'o.

— Lavinio, disse um d'elles, o mais velho, mostra-nos a mina de ouro que Silvano descobriu no monte, conforme nos disse, ha pouco. Deve

ser neste sitio, entre as urzes maninhas. Deve ser neste sitio. E' aqui que costumás cantar á tarde. A terra está revolvida de fresco; foi Silvano que a revolveu com o ferrão do seu cajado.

Lavinio, a mina de ouro é aqui, mostra-nos a mina de ouro.

— Mina de ouro! dissestes. Mina de ouro! E o tristonho pastor, afastando o rebanho, falou ao canoeiro : Mina de ouro! Mina de ouro no monte, perto do carvalho, entre as urzes maninhas... deve ser aqui.

E, desviando-se, deixou que os canoeiros revolvessem a terra.

..

Todos, de joelhos, enterrando as unhas ambiciosas, puzeram-se a cavar. Um d'elles, mais novo, ergueu-se de repente com uma pequena cruz de prata.

E Lavinio, a sorrir, disse serenamente :
— Amuleto... amuleto gasto pelos seus beijos!

Outro arrancou da terra um ramo secco.

E Lavinio, a sorrir, disse serenamente :

— Foi o ultimo ramo que lhe dei — o ultimo!
Subito, recuaram todos — era o ouro que chispava no fundo da terra, era o rutilo filão maravilhoso.

E Lavinio, a sorrir, disse serenamente :

— E' ouro. Ahi o tendes. Ouro puro! Ouro

dos cabellos da minha amada, ouro dos seus cabellos.

E, como os canoeiros se erguessem, attonitos e commovidos, Lavinio continuou :

— Era minha esposa : ella pastora, eu pastor. Casamo-nos na serra, junto da fonte triste. O sol uniu-nos num mesmo raio. Foi em uma manhan de primavera. Presentes á festa nupcial : os passaros, as borboletas e os dois rebanhos — o meu e o d'ella, que se misturaram. Ella trazia um ramo de bogaris, e, como lhe faltasse o veu, o veu que as noivas trazem, soltei, eu mesmo, os seus cabellos louros. Emquanto viveu amei-a estremecidamente, agora... os seus cabellos de ouro... Levai-os, se quizerdes. Já não tenho ciume dos cabellos.

Como os canoeiros se persignassem, horrorizados com a profanação do tumulo, Lavinio serenou-os.

— Não vos assusteis. Ide! Ide que a alma da moça morta não vos perseguirá quando sahirdes para os lagos frios, á hora dos maus espiritos. Ide, que a alma da pastora está presa em meu coração, vive com a minha. No mesmo dia em que guardei seu corpo junto ao carvalho antigo, entre as urzes maninhas, cavei, com a minha saudade, um lugar no meu coração para guardar sua alma. Ide! E não vos assusteis... nada receeis — a alma da moça não vos perseguirá.

E ficou-se a cantar, junto ao carvalho, entre as urzes maninhas, com os olhos no ceu pallido, onde desabrochava Vesper.

Primitivos

Minguava a protectora lamina candente; as scintilas de sol embainhavam-se no azul.

Anoitecia.

Galopavam na floresta, em trepidas manadas, as vagabundas feras famulentas.

Nos valles e nas gargantas reboavam rugidos. Os leões, agachados no limiar das cavernas, fitavam soberanamente o cariz do céu cambiante.

Bailavam nos gneiss as sombras collossaes dos ursos, suspensos sobre as patas trazeiras, bambos e titubantes, sacudindo-se e tripudiando em caricias de garras.

Voavam canoros passaros brilhantes.

Abriam-se as cortinas verdes da folhagem e, no deliquio da tarde, gemia o madrigal suavissimo dos ninhos.

Florestas virgens rumorejavam um preludio triste e o ambiente saturava-se do perfume casto, feito da transpiração das rosas e do aroma volatil dos resinosos troncos.

Cantante e namorada a fonte unia a sua musica perenne á esplendida cantilena crepuscular dos seres.

Trevas da primeira idade. Espessidão compacta e sinistra, onde o espirito vago do primeiro homem procurava descobrir o Deus austero, coevo das primeiras sombras.

Noites de insomnia, noites de vigilia ingrata, á beira do fogo, no fundo regelado das cavernas.

Rodavam pelos arredores os bandos fulos dos colossaes orangos.

Elle, de pé sobre um gneiss, olhava profunda e attentamente ao longe. Projectava-se no lago, de uma transparencia melancolica de pupilla azul, a sombra erecta e varonil do barbaro.

Era a ronda final; a noite negra vinha descendo das alcandoradas serras.

De quando em quando o barbaro soltava um rugido e, brandindo a maça de silex, parecia desafiar os perfis esfumados dos penedos longinquos.

No fundo da caverna a mulher, sentada sobre um craneo de renna, atciava a fogueira.

Girava em turbilhões diffusos a grande alma da natureza — aqui, brotando transformada em rosas, ali rebentando na germinação magnifica de uma nova floresta.

A relva tinha fremitos, as ramas apertavam-se em convulsões hystericas de goso. Aves e arbus-tos derreavam-se numa lassidão de sensualismo forte.

E tudo amava na penumbra deliciosa com a discrição e a delicadeza dos lírios.

Elle, o forte, vigiava. Impavido e sereno, scindia a opacidade negra com o seu olhar vigilante.

Longe em longe, entre as rochas, um rugido de leão fecunda, doloroso, vibrava.

O mar beijava a terra, a luz beijava o mar.

Entanto o homem triste, de pé austeramente sobre o gneiss, apoiado á maça de silex, sacudia da testa os longos cabellos fluctuantes.

Ella anceiava. A chamma da fogueira aviventava-lhe o sangue, o sussurro da folhagem cantava-lhe ao ouvido uma canção de amôr.

Ergueu-se semi-nua, os seios fortes de mulher creadora a pino, bellos como dois poemas geneticos de carne ou a biblia do amôr em dois capitulos brancos.

Tremula, encostada á penha, fitando o crescente que subia, a mulher, languida, esperava.

O homem vigiava ainda; depois, soltando o derradeiro brado, no deserto, desceu de um salto do pedestal de mica.

Voltou para a mulher o olhar selvagem, fitou-a sem severidade e, com o silex, indicou um meandro de sitio illuminado pallidamente.

Então, sem uma palavra, sem uma ternura molle, fortes como a floresta, encontraram-se os dois corpos palpitantes; vacillaram e cahiram rolando sobre a relva, perto dos ossos tabidos das rennas, entre o crepitar alegre da fogueira e o cicio manso da viração da noite.

Amaram-se ali mesmo, em pleno ar, no encanto pacifico e virginal do campo.

Mas a folhagem estalou, abalaram-se as ramarias e o bufo dos mammutts sacudiu as palmas.

O homem saltou impetuosamente; travou do silex e, firme como um semi-deus, heroico como o genio errante da primitiva selva, adiantou-se, urrando como as alimarias. E ella, para auxiliá-lo, ainda ébria de sensualidade, levantou-se cantando uma melodia barbara, e fôra, com o corpo nú desafiando as bestas, pôz-se a aguçar nas arestas das penhas, as pontas incisissas dos punhaes de silex.



Innocencia

Na ocasião em que o Dr. Anselmo atravessava a ponte, cochilando, escarranchado no moroso jumento, Francina tomou-lhe a frente.

— Meu bom doutor...

Com a parada subita do animal o velhito quasi foi ao chão. Equilibrou-se a custo e, abrindo muito os olhos para encarar a pequena, perguntou severamente :

— Então! Que andas a fazer pelo caminho, mandriona?

Francina, muito vexada, baixou os olhos e pôz-se a enrolar as pontas do avental usado.

— Já estás cansada de correr os cannaviaes com o rapazio? Sai-te d'aqui! Deixa-me passar!

E a pequena, humilde, sempre a torcer as pontas do avental, levantou para o velho os olhos supplicantes.

— Que queres? Fala!

— Eu queria, bom doutor.....

— Vamos?! Fala de uma vez!

— Minha mãe morreu hontem, como o bom doutor sabe, deixando o pequenino Julio que ainda mama...

— Sim. Mas que tenho eu com o Julio? Queres dinheiro?..ahi tens.

E atirou á pequena duas moedas de prata.

— Não é dinheiro que vos peço, bom doutor...

— Então...que é? Fala d'uma vez, que tenho pressa.

Francina, muito corada, hesitante, tremula, desabotoou o corpinho, desabotoou a camisinha grossa e deixou vêr os peitos virgens — dois botões purissimos de magnolia onde havia pou-sado um casal de abelhas rubras — e, dirigindo-se ao doutor com ar pedinte, disse :

— Vê o doutor? **T**enho peitos como todas as mulheres, entretanto, por mais que meu irmão puxe por elles, o leite não escorre. Creio que o motivo é estarem ainda fechados. Eu queria....

— O que, pequena?

— ... que o doutor, por piedade, m'os furasse.

— Não, isto não, filha. Olha, disse o bom velho commovido, leva-me o teu irmão á casa, tomo conta d'elle, ouviste? Mas não penses em furar os peitos. Tôla. Isto é como um ovo : depois de fecundado o que está dentro procura sahir sem mais auxilio do que o da propria força... como os pintos. Nunca viste nascer um pinto?

— Já sim, senhor.

— Elle mesmo belisca a casca, pois não é.?

— Sim, senhor.

— E' justamente assim com o leite. E, sorrindo, deu uma palmadinha no rosto de Fran

cina. E's muito nova ainda. Não penses mais em furar teus peitos... e, quanto ao Julio, eu encarrego-me d'elle, ouviste?

— Sim, senhor.

E o Dr. Anselmo, limpando uma lagrima, esporcou o jumento e foi-se balbuciando, enquanto a ingenua rapariga, de pé no meio da ponte, guardava os peitos virgens, aboloando a camisinha grossa.



Selemnus

Pela esmeralda das campinas humidas, soprando a avena suave, o meigo pastor Selemnus passeiava o seu rebanho de ovelhas e de cabras.

Argyra, nympha dos cabellos de ouro, mal o descobria, sentado entre os ramaes de myrtho verde, deixava a espuma jonica e, célere, a sorrir, saltando pelas pontas dos penedos, vinha cair nos braços desejados.

Os hirsutos tritões glaucos, de ciume, punham-se a soprar nos busios torsos, arrepelavam o mar espadanando vagalhões medonhos para ver se os amantes assustavam-se; os dois, porem, unidos peito a peito, mal o sussurro dos labios percebiam.

As naiades, á noite, á sahida da lua, appreciam em bando á flôr das vagas, cantando para tentar o namorado e Selemnus pensava unicamente na bella nympha dos cabellos de ouro.

Um dia, Argyra descobriu rugas no rosto do pastor e fios brancos na cabelleira escura. Riu de cima da penha e, sem beijal-o, de novo mergulhou no mar inquieto.

Selemnus de balde foi á praia vel-a, chorou de balde; á toda onda que subia á areia confiava um segredo para Argyra. E a nympha, cavalgando o dorso verde e altivo de uma vaga, fez-se ao largo, rindo do pastor desventurado.

Dias e noites, entre as penedias, Selemnus soluçou pedindo a morte até que os deuses se compadeceram.

Venus, porém, a deusa protectora dos amores, para tornar eterna a triste historia, transformou o pastor em rio — mas, apesar de transformado, o amante não esqueceu a perfida e, fugindo por entre os salgueiracs, o nome Argyra soluçava sempre.

Foi preciso que a deusa o soccorresse dando-lhe como remedio o esquecimento.

E nunca mais Selemnus suspirou sentido — poz-se a correr silenciosamente através das pradarias de esmeralda — matando a sêde ás brancas ovelhinhas.

As victimas do amor, os desgraçados, quando a paixão minava-lhes a vida, para esquecerem a causa dos tormentos, mergulhavam nas aguas de Selemnus. E os que levavam nomes dentro d'alma nem saudade traziam de taes nomes.

Eu vivia feliz pastoreando as minhas illusões — sem martyrios, sem maguas, sem desgostos. Appareceste e tudo esqueci porque teu amor encheu-me o coração. A minha vida vinha de teus olhos, o teu prazer o meu prazer creava e nunca descobri pranto em teus olhos sem que nos meus não visses mais copioso. Deixaste-me sem luz.

Meu coração morreu e transformou-se em luctuoso rio de agonias. Corre pelo meu rosto, como por um valle, esse fio de lagrimas ardentes — é o meu amor, é toda a minha vida que se esvai nesse pranto.

Falta-me o esquecimento !

Falta-me o esquecimento !

Mas para isso é preciso que o meu coração desmanche-se e que eu fique sem a saudade que, no correr das lagrimas, balbucia para a minh'alma debruçada sobre o meu coração, o teu nome, como Selemnus, o rio namorado, dizia aos salgueiraes o dôce nome da formosa Argyra.



No horto

De joelhos, orando constricto, entre as oliveiras murchas do caminho, o rabbino Jesus esperava o supplicio.

Ninguem em torno — a sombra da noite velando pesadamente os arredores — e o misero a balbuciar piedosamente com a alma no ceu, arrebatado num extase suave.

De longe, na brisa leve e cheirosa, chegava o echo languoroso das cantigas das moças, vinham sons de instrumentos e o cicio dos ramos das oliveiras sacudidos brandamente pelo vento da noite.

Nem um discipulo, nem um amigo perto, Jesus levantou os olhos limpidos para o ceu — a lua rasgava as nuvens como o rosto branco de uma nadadora emergindo de um mar tenebroso.

A claridade envolveu-o e elle, o bom, o misericordioso missionario do amor, ficou numa redoma mysteriosa de luz tenue.

Todos os sonhos do seu coração acordaram, todo o seu amor renasceu.

Lembrou-se de Bethania onde, por noites

iguaes áquella, elle e Magdalena trocavam beijos desfolhando rosas; lembrou-se de uma samaritana apaixonada que lhe offerecera o leite perfumado a sandalo; lembrou-se de uma criança de Bethphagé que chorava de amor ouvindo-o falar de Deus — e o miserando Jesus sorriu para o luar.

.
De repente, sentiu na face gelada o calor rapido de um beijo. Estremeceu, e, com o mesmo sorriso, com a mesma doçura no olhar, estendeu os braços tremulos e disse ternamente, com a voz abafada como um arrulho de rôla.

— Maria!

E voltou-se para o dono do beijo.

Era Judas Iscariotes.



Fôra do paraíso

Uma treva pesada desceu sobre a terra. Ventos fizeram profundas covas nas areias. O manso e claro Euphrates cresceu de aguas e inundou as margens palmeirosas. Arvores perderam toda a fronde.

Soffria pelo peccado a natureza.

Voavam no ar, em turbilhões, flôres roubadas pelos vendavaes aos caules e passarinhos sem vigor nas azas. Grandes aguias de forte envergadura soltavam gritos pavorosos nos penhascos; mamuts pelludos corriam sem destino, ibis negros piavam e pombas, transidas de terror, encolhiam-se nas grotas enquanto os doirados leões e os tigres fulvos, arrepiados de medo, fremiam na floresta. As ribeiras de suavissimo murmurio roncavam como catadupas. Nem uma só das muitas aves aquaticas, nem uma só por fôra. Os animaes tremiam apertando-se debaixo das ramadas dos sycomoros. De vez em vez um balido echoava e bandos de leopardos varavam a floresta destroçando, de raiva, magotes de ovelhas. Já não havia a promiscuidade pacifica — os rouxinões evitavam as

aguias, os borregos fugiam das pantheras. Foi, então, que começou a migração dos animaes.

Nem um papeio de ave, entretanto, enroscado na arvore da Sciencia, o python do peccado sibillava de goso.

Vencera!



Adão e Eva, nús, iam de frente baixa, as mãos dadas, correndo á frente do Archanjo vigilante que brandia na dextra a espada luminosa.

Deus, do alto ceu, contemplava a sua vingança.

Os trovões estalavam reboantes e, a mais e mais, o espaço escurecia-se. O rumor das grossas aguas rolando tornava mais terrivel a noite repentina. Urros e berros succediam-se no bosque.

Nas ondas torvelinhantes da poeira desappareciam as borboletas fracas; mortas, nos rios cheios, desciam pombas da primeira idade. Andorinhas emigravam e cegonhas corajosas ganhavam o tenebroso espaço em procura de sitio mais ameno. Eva, de medo, escondia o rosto nas mãos.

O Archanjo, com as seis azas espalmadas, severo, pairando sempre, brandia no escuro a espada de chammas. No largo oceano, emquanto a terra aturava humilhada a furia da colera

divina, nascia o vagalhão tormentoso. Adão e Eva acharam-se, de repente, fóra do accetoso Eden. Ella, mais tímida e vergonhosa, agachou-se junto de uma pedra e, embrulhada nos cabellos, pôz-se a chorar as lagrimas primeiras.

Adão, apavorado, não tirava os olhos da curva espada ignivoma que alumiaava formidavelmente na dextra do forte Archanjo.

O vento, nada de amainar. As franças, num cyclopico torneio, emmaranhavam-se ruffalhando. Horrisonos roncões subiam aos espaços e, de momento em momento, passavam em desfilada junto dos dois expulsos quadrupedes collossaes, tontos, assustados, fugindo sem direcção pelo meio da treva opaca.

Eva, receiosa, chamou para junto de si o companheiro. Adão obedeceu á voz mansa e meiga e, tacteando, foi agachar-se ao lado d'ella com o pavor no coração e os olhos sempre fitos no unico ponto claro que existia na tréva : a espada rutila do Archanjo.

Eva, a primeira virgem, pôz-se a falar de Deus e Adão a ouvil-a. Uniram os dois as almas na mesma oração de misericordia, dobraram os joelhos na pedra escabrosa, balbuciarão e, ao fim da resa, quando esperavam ver embainhar-se no azul a lamina de fogo, viram-n'a agitar-se mais terrivelmente e ouviram

redobrados rugidos do vento e mais troantes ribombos de aguas que se despenhavam.

Deus não perdoava!

Deus era inflexivel!

Cheia de arrependimento a mulher desatou em soluços :

— Senhor Deus! Senhor Deus? dissei-nos pela boca do vosso Archanjo forte, como resgataremos a paz de espirito? Senhor Deus! Meu Senhor! Dissei-nos como pagaremos o nosso peccado? como remiremos nós culpa tamanha? Dissei-nos, por quem sois, Pai de misericordia!

Deus não deu resposta á supplica.

Mas Adão, que meditava, com a cabeça enterada nos joelhos, sentiu subitamente o resvalar de um corpo na folhagem. Ergueu-se.

— Eva, formosa e meiga creatura, attende! Ha um consolo para o teu supplicio. Deus é surdo aos teus votos, eu, porém, quero provar-te que não vim trazer o mal á natureza. E' grande o soffrimento que te opprime, mas a tua dôr não é sem cura — ha um balsamo infallivel.

Eva, que não via nem podia vêr na tréva o estranho interlocutor, perguntou a tremer :

— Quem me fala!

O python, levantando a cabeça achatada, disse carinhosamente ;

— Eu, Eva formosa.

— Tu! Ainda tu! exclamou a mulher horrosada, reconhecendo o reptil que a allucinára.

— Sim; ouvi os teus gemidos e dei-me pressa em trazer-te o meu conselho.

— E.... qual é elle? perguntou a curiosa.

— Une a tua boca á boca do teu homem, deixa que a d'elle aqueça bem a tua, aspira-lhe o perfume, sorve-lhe o suspiro e aperta-o nos teus braços tanto quanto puderes. Obedece e verás.

E, sibilando, partiu pelos silvados.

Eva, desconfiada, sorriu do conselho e ficou, com o rosto nas mãos, os olhos pensativos, analysando as palavras da serpente : — « Une a tua boca á boca do teu homem ».

E a mulher fraca, picada de volupia, sentiu o primeiro desejo. Os seios entumesceram-se-lhe e começaram num arfar apressado, os olhos foram-se-lhe a pouco e pouco, amortecendo. A medo, vergonhosa, a virgem primeira estendeu a mão tremula procurando o homem. Os dedos perderam-se nos cabellos d'elle. Adão, acariciado, levantou o rosto e a sua boca roçou de leve no punho vellutino da ingenua companheira :

— Eva! Eva não respondeu.

Um fremito sacudiu-lhe o corpo, seus cabellos despenharam-se sobre os hombros do forte e, inconsciente, involuntariamente, vencida por uma força superior, a mulher deixou-se cair nos braços que a esperavam.

Houve um espasmo em toda a brenha tragica. As feras galopantes estacaram e, nenhum berro

interrompeu a cavatina do primeiro beijo. Um silvo sulcou o silencio — foi a voz do pythou saudando o amor.

Quando os dois apartaram-se, Eva, que olhara, por acaso, o ceu soltou um grito lancinante.

— Adão! Adão!

O homem tomou-a carinhosamente.

— Olha! e apontou a noite.



No ceu, em vez das nuvens plumbeas, brilhavam milhares de estrellas, a terra resplandecia á luz do plenilunio e, no cavado rochedo da entrada do Eden, já não flammejava a rutila espada do Archanjo vigilante.

— Sahiram para espiar-nos! disse a mulher chorando. São os anjos que nos espiam. E' uma nova vingança de Deus.

— Attende, meu amôr, attende, murmurou Adão. Ouves esta perenne musica deliciosa? é o Euphrates, é o Gihon, são os rios que nos saúdam. Ouves este suspiro brando e entrecorado? são as bravias feras que se beijam. Olha os ramos em idyllo; vê como as flôres vôam de um para outro galho, repara como tudo anima-se. O segredo de ser igual a Deus tu o tinhas comtigo — é o beijo, meu amôr. O que não fizeram as preces das nossas almas fez o primeiro beijo.

O homem, então, triumphante e orgulhoso,

subiu para a pedra escabrosa e encarou as estrellas e a lua com atrevimento, enquanto a natureza fecunda torcia-se a seus pés nos paroxismos do primeiro goso.

Eva voluptuosa, languida, amollecida pelo amôr, escondeu-se entre os cactus olhando uma sombra que abria no pallio luminoso da lua azas negras e enormes de vampiro e fugia sibilando victoriosamente. Era o python do peccado que espalhava pela natureza a nova do desabrochamento das primeiras almas.



Buena-dicha

— Vamos, dá-me a tua mão, disse-me a pequena cigana que anda agora por aqui a ler destinos. Dá-me a tua mão, misanthropo.

Entreguei-lhe a dextra aberta e esperei as suas palavras com um sorriso de incredulidade.

Ella pôz-se a falar :

— Has de viver eternamente triste. Has de viver eternamente só. Tens um amôr que te mata. Tens um veneno nalma : a saudade.

— Adivinhaste, cigana. Adiante.

— Foste feliz em moço : amaste.

— Amei, porém não fui correspondido.

— Tiveste uma mulher que te deu beijos.

— Sim, mas eu dei-lhe muito mais, cigana. Dei-lhe minh'alma pura, dei toda a minha vida áquelles olhos falsos, áquelle coração sem alma.

— Alma do coração ! fez a *gitanilla* sorrindo. Que vem a ser a alma do coração ?

— Não sabes ?

— Não.

— E queres lêr os destinos ? Dize-me, sabes o que é o perfume ?

— Sei : é a voz das flôres.

— E' a alma das flôres. A petala morre, mas o perfume fica na atmosphera embalsamando a natureza. Sabes o que é o azul?

— E' o desejado ponto de chegada das nossas tristes almas.

— O azul, cigana, é a alma do Universo, como a nossa alma é o azul d'este arcabouço que arrastamos. Sabes o que é a luz?

— E' o olhar dos astros.

— E' a alma de Deus. Cada estrella é uma hostia onde se concentra o espirito do Almo. Sabes o que é o amôr?

— Sci, é o peccado de Eva.

— E' a alma do coração, cigana. E, como o Creador fez o espirito dos nossos primeiros pais apenas com o seu sopro divino, nós fazemos a alma do coração apenas com um aperto de mão, com um sorriso, com um beijo que é o sopro santo que tudo purifica e anima. As estrellas, crê no que te digo, cigana, as menores estrellas, são beijos d'anjos crystallisados no azul. Queres ser como a estrella?

— Sim.

— Beija. O beijo, minha filha, é a unica musica que faz esquecer a lagrima. Quando vires duas bocas unidas espera o som do beijo. O beijo é a voz do coração como o soluço é a voz da agonia. Um coração sem amôr é um corpo sem alma. Se não tens amôr procura-o, porque só os mortos não amam, e é por isto que se diz que os mortos não têm alma. A alma no corpo só tem um mister, é fazer dia no

coração que é um pequeno universo com estrelas, sócs, luas, tempestades e auroras. Vai, antes de mais nada, para que possas compreender a natureza a fundo, ama! O amôr é que nos abre a porta da felicidade. Vês como sou triste? é que não amo mais, porque o meu coração está morto. E's nova, aceita o meu conselho, cigana. Antes de procurar fortuna a mulher deve procurar o amôr. Vai para o amor, cigana, é este o meu conselho.



Siryinx — o ideal

Na terra do myrtho verde e dos laranjaes doirados, por uma madrugada festival e fresca, o capripede Pan, deus dos pastores, o primeiro que soprou a avena, o pai dos madrigaes, viu entre os juncos a formosa Siryinx.

Viu-a e não leve mais o coração calado.

Entrou a suspirar e a perseguil-a, gemendo noite e dia e procurando deter a linda moça fugitiva.

Faunus, vendo-o chorar, riu do seu choro, e os egyptans e os satyros caprinos seguiram os passos do cornuto amante por entre as moultas de loureiros verdes.

Debalde Pan, o pobre Pan clamava.

Debalde Pan, o pobre Pan gemia.

A moça, conhecedora de todos os meandros, fugia-lhe dos passos,

Só as hamadryadas e as oreadas dos montes sahiram a socorrer o namorado triste. Subito, a formosa fugitiva, desfeita em lagrimas, prestes a ser colhida transformou-se em caniço sussurrante.

Auras que voavam repetiram o derradeiro suspiro de Sirynx.

Pan, desconsolado, fez uma frauta do caniço verde e sahiu pela floresta tocando a aria sentimental do seu perdido amôr.



O poeta é como Pan.

Vive seguindo um sonho e perseguindo-o.

Perde noites e dias vagueando. Nunca se cança de chamal-o, nunca! Um dia, emfim, quando pensa tel-o, esbarra com o lurido juncal do desengano.

O poeta faz d'essa illusão finada um motivo de canto e de poema e, como o Deus caprino, nunca mais o abandona, deliciando a todos com a sua magua rythmada, com a sua lagrima triste posta em musica.

E, como Pan, sahe pelos bosques, entre os cyparisos, dizendo a todos a endeixa saudosa do seu amôr perdido.



Adagio

— Vamos, meu caro amigo. O caminho a seguir é este mesmo. Vai de subida um pouco, mas não custa vencel-o. Aproveitemos a brisa matinal que sopra. Nada de estações; o sol não tarda e d'aqui até a casa do cabreiro não ha arvore de sombra. Vamos. Deixa a doçaina, deixa a musica campestre. Estás a acordar saudades, cêgo. Vamos! Dá-me a tua mão.

E os dois — o cêgo e o guia, um cançado, o outro forte; um de cabellos brancos, outro de cabellos negros, formoso, vivace, foram de vagar, subindo a encosta, por entre as urzes e os murtaes cheirosos.

— Vai-se d'aqui, dizia o velho, a gemer, vai-se d'aqui... porque já estamos a meio da subida, creio?

— Sim; já estamos.

— Vai-se d'aqui, em dois minutos, a umas ruinas onde, no meu tempo de moço, deixei ficar mil lagrimas. Se quizesse levar-me ás ruinas, meu amigo!...

— Nada me custa. Vamos!

— O caminho d'antes era delicioso. Arvores... Ainda ha arvores, Reynaldo?

— Ha, porém sem folhas.

— O tempo tosquiu-as. Arvores faziam uma abobada sombria. Moços vinham apascentar ovelhas e cuidar de amôres aqui neste amenissimo caminho. Eu, muita vez, desviei para este lado os meus quatro borregos. Mas o meu ponto predilecto, o meu ponto de estima era mais longe — ao fim, perto das pedras, nas ruinas. Creio que estamos a atravessar o caminho?...

— Sim, estamos.

— Conheço-o pelos moradores. Esta musica constante só aqui. Os passaros nao fogem, parecem aves dos primeiros tempos. Dão-se tão bem com os homens! Dentro em pouco outra musica ouviremos. Espera! Espera!...

— Que sentes!

— Uma caricia no rosto. Anda errante o labio de veludo da que foi minha amada. Eu sabia, Reynaldo; eu sabia que havia de encontral-a. Como é macio! como trescala bem! Pára! Demora o beijo! Demora-te, peregrino amôr, demora-te!

E o cégo, em extase, agitou as mãos, sacudiu a cabeça, sorrindo á visãõ da mocidade morta.

— Que fazes?

— Lubrifico a alma com o aroma sensual de uma boca que passa. Olha! Roça agora os meus cabellos, pouasa-me na fronte. Assim!... Beija! Beija! Bem haja o teu coração, Reynaldo, que me permittiu esta viagem ao passado. Aqui

vivi no tempo delicioso do meu primeiro amôr. Morreu e anda a beijar-me agora. Reconheceu-me! Alma da minha amada, sahiu das flôres e anda a beijar-me. Beija! Beija! Beija!

— Mas é uma borboleta que te rodeia a cabeça, cégo.

— E' a sua boca. Então pensas, Reynaldo, que esqueci tão depressa o gosto da sua boca? Não! Tu que tens vista dizes que é uma borboleta; eu, que sou cégo, sinto que é a sua boca. Vamos! Vamos! Leva-me ás ruínas.

— Estamos perto.

— Apressa-te, apressa-te que eu aneio de desejo! Rapido, Reynaldo. Começo a ouvir as vozes dos solitarios. Estamos na thebaida dos gaturamos. Os que se afastam do mundo fazem-se sacerdotes, eremitas do ermo e vêm para aqui cantar psalmos á primavera. Ouves? são hymnos. Já ouviste, por acaso, musica mais deliciosa? Não, confessa. Esta é a melodia dos gaturamos exilados.

— Por aqui, por aqui. Vamos mais devagar.

— Sim, mais devagar. Mas Reynaldo... que suavissimo sussurro é este que me chega? Parece que alguém soluça pelos cantos. Vê, vê bem, meu filho... Talvez que uma zagala namorada... Vê, procura.

— Não ha viv'alma.

— E este soluço então?

— E' de um arroio fino que rega esta parte da montanha.

— Como! Um arroio aqui!

COELHO NETTO

— Sim.

— Mas no meu tempo de pastor não havia por este lado agua corrente.

— Pois o que soluça é a agua de um arroio.

— Onde...? Onde? Dá-me a beber d'essa agua.

Quero proval-a. Dá-me!

— Não.

— E porque, Reynaldo?

— Dizem os pegureiros que a agua d'este arroio amarga e mata.

— Amarga e mata... Vê, Reynaldo, de onde vem o arroio, vê onde nasce o fio d'agua.

— Nasce nas pedras negras, perto das ruinas.

— Bem, bem, fujaamos. Sei o bastante.

— Que sabes? perguntou o guia abrindo muito os olhos.

— No meu tempo, Reynaldo, não havia este arroio. Não havia... e dizes que elle nasce nas pedras negras?

— Sim.

— Pois a origem d'este arroio está commigo — é o meu coração. Estas aguas, Reynaldo, são as minhas lagrimas, as minhas lagrimas amargas que se multiplicaram na tristeza das ruinas, irmans de minh'alma. Deixa soluçar o arroio. Não interrompamos o soluço das aguas. Vamos!

E o cégo, sorrindo, deu o braço a Reynaldo e, a descer, tremulo, voltava, de vez em vez, os olhos vasio para os lados das ruinas balbuciando :

— Como as lagrimas cantam! Que doçura de musica! Como as lagrimas gemem, como as

lagrimas duram! Cantai! Cantai! Que eu, pelo menos, ouça a historia da minha tristeza cantada pelo fio perenne das minhas lagrimas. E como ellas cantam, Reynaldo! Oh! que doce harmonia!



O fogo sagrado

Nem uma fagulha na tripode; do fogo sagrado restava apenas o destroço : um monte de cinzas claras, resto da lenha olorante que alumiera Vesta.

E era tarde. As outras vestaes, mollemente cabidas num comprido leito, envolvidas em chlamydulas brancas, dormiam tranquillamente.

Profundo silencio apenas interrompido, de quando em quando, pelo bater sonoro da lança do legionario que rondava o templo.

Como accender a tripode? Como chamar a luz do sol áquella hora da noite, quando apenas havia no ceu, enroladas na escuridão, a lua pallida e as pallidas estrellas?

Que fazer?!

E a triste vestal criminosa desatou a chorar, evocando os deuses, pedindo perdão á Vesta inflexivel, a deusa purissima da castidade.

Os deuses, áquella hora, banquetevam-se no alto Olympo ou dormiam embalados pelos sonhos.

Nenhum d'elles ouviu o lamento da sacerdotisa. Amor, porém, que andava solto, brincando

com os corações, passando por acaso, pelo templo, apanhou na brisa as palavras da criminosa.

Voz feminina que elle ouvisse era senha para a entrada em um coração — foi e, tão de manso atravessou as primeiras galerias, que o legionario não lhe ouviu o rullo da aza.



A moça sacerdotisa gemia incessantemente.

Amor, reconhecendo uma vestal, estremeceu, mas indo fugir a ponta acerba de uma setta do seu carcaz acordou uma pomba que dormia sobre uma stela.

Com o arrulho a criminosa voltou-se e, vendo a seu lado o pequenino deus, nú, com o arco em uma das mãos e um dardo em outra, recuou até junto do altar.

Amor olhou-a muito tempo e, encantado com a belleza, mais em realce na triste feição do rosto, adiantou-se.

A vestal tremula, as mãos implorativas juntas, ia cahir de joelhos, quando o deus pequenino lhe travou do braço.

— Porque choras? Conta-me a sua magua.

— Soffro porque tenho medo da morte.

— Medo da morte?

— Sim.

— E porque has de morrer?

— Estava a velar o fogo do templo, a sau-

dade de minha mãe distrahiu-me. Esqueci tudo por ella e, quando o meu espirito voltou da sua peregrinação pelo passado vi, com espanto e terror...

— Que se extinguiu o lume?

— Sim.

— E que tem isso?

— Oh! se eu ainda livesse um pouco de sol...

— Mas... que idade tens?

— Dezeseis annos.

— Pois com dezeseis annos ha mulher que precise do sol para accender uma tripode? E Amor quebrou todas as suas frechas, arranjou-as na tripode e, aproximando-se da sacerdotisa, disse a sorrir :

— Não quero roubar ao teu namorado o precioso lume. Basta-me um raio só de pupilla, um só para incendiar todo este templo, e, delicadamente, cuidadosamente, apanhou um raio ardente do ardente olhar da moça e deixou-o cahir no feixe de settas. A chamma crepitou victoriosamente — o templo illuminou-se e Vesta, a purissima, estremeceu no seu altar de pedra.

— Não ha sol mais forte! disse Amor mostrando a chamma. Adeus! guarda com mais cuidado este lume que é mais do ceu do que os raios de ouro do astro quente. Guarda-o com mais cuidado. Que elle não arda em corações, vestal. E nunca mais hesites, não temas nunca mais : não ha sol mais forte do que a luz dos olhos femininos.

E, dizendo estas palavras, desapareceu, deixando a vestal attonita, extatica diante do seu olhar que ardia, alumando, como em uma apotheose, o templo grandioso de Vesta, purissima.



Pastoral

Volta do campo. A'frente, na planicie morna, marcha o bando pacifico de cabras; em seguida os carneiros; e os grandes bois serenos, vão o passo ouvindo e gosando a melodia errante de todas as frautas e de todas as vozes.

Segue-se o grupo dos pastores : um bando gárrulo de mocos e de moças — ellas, coroadas das primeiras flores; elles trincando os primeiros figos.

Os curraes conservam as portas abertas de par em par. Os meninos das casas, nús como semi-deuses, com ramos de oliveira em punho, giram perto da fonte, cantando e rindo, as mãos dadas, em circulo, formando uma arrecada de cabeças louras.

O sol vai-se tambem a passo brando, como um touro farto — farto de ter pastado um dia inteiro pela terra e pelo ceu.

Aponta a primeira estrella quieta, sem brilho ainda -- tímida como uma criança que espera retirar-se o velho para saltar e rir.

Outra surge — e, de repente, como um jogo

de balança, quando a concha do sol mergulha, levanta-se a da lua.

O gado recolheu-se. Afinam-se no campo as lyras, frautas preludiam rapidos gorgeios. Treine uma voz entre os myrtaes. Longe, uma rapariga garganteia. Uma ri, outra fala; bale uma ovelha em torno de um menino, e tudo se harmonisa, e tudo se aviventa, cresce, recresce, avoluma-se. E, de repente, no campo virginal da ingenua Arcadia, rompe um valente concertante alegre.



Não ha lecytho — ha folhas. Uma moça conduz o cantaro, outra offerece o mel. Provam primeiro os velhos e passa depois á banda juvenil.

Recomeçando a musica, duas moçoilas saltam em pleno circulo. Olham, levantam devagar os braços, dobram-se numa curva acrobatica de torso, mostram os pequenos pés nervosos e sahem dançando triumphalmente, por aqui e por ali como duas abelhas namoradas.

Dançam mais forte ao compasso das palmas das crianças e da grande orchestra pastoril, feita dos instrumentos e das vozes doces.

Essa que mais se lança, essa que mais se agita é Hermia, a dona dos mais bellos olhos em toda a região. Um só, Bactylo, teve a ventura de vêr aquelles olhos tristes! Tristes aquelles travessos olhos que nunca se annuviaram nem pelo amor, nem pelo odio.

Nem um só pastor por fóra.

Portas fechadas. Andam os egyptans pelos caminhos trocando chufas com as hamadryadas.

Em cada rosa aberta um par de azas fechadas — azas de borboleta, — a flôr errante.

Ouve-se a frauta de Pan soluçando o nome de Syrinx no meio do canniçal flexuoso.

Uma orcada, no alto de um outeiro, tece um césto com filamentos de lua e perfume de flôres.

Cotyto morde os beiços estorcendo-se de volupia, vendo um escaravelho amoroso abrir as azas para cingir um lirio.

Hebe, de flôr em flôr, espreme no cyatho de diamante o delicado nectar dos deuses.

Ha, no murmurio da natureza, uma solemne musica mysteriosa, especie de offego rythmado, mistura de ancia e goso, de sensualidade e dôr.

Purissima anacreontica das arvores! Epopéa nocturna da fecundação!



Uma sombra, outra, unidas, muito unidas, descem em direcção ao rio. Duas napéas fugindo batem de leve numa parasita e um beija-flôr acorda. Acorda e vôa estonteado. Hermia passa. Levado pelo perfume das flôres da sua cabeça, elle esconde-se, aconchega-se e fica-lhe nos cabellos como se fosse a antiga parasita.

A' borda d'agua Bactylo e Hermia, um ao lado do outro, mudos, encarcerados no pudôr, olham-se, mas olhando as sombras reciproca-

mente. Ella sorri para a agua e a agua limpida sorri para elle... e depois retribue o sorriso.

Emquanto a multidão capripede cabriola num tiroteio de flôres com as nymphas a agua silenciosa ora parece rir, ora beijar.

Depois?...

O beija-flôr, assustado, levantou o vôo para longe e uma naiade appareceu á flôr do rio.

Cupido, o vagabundo, encostado a uma laranjeira, ria sacudindo nas mãos todas as flôres que coroavam a pastora.

E Bactylo? Bactylo disse-lhe num beijo :

— D'ora ávante seremos dois a apascentar.

Eu, o rebanho...

— E eu?

E os dois olhos nagua olham para Bactylo.

— Tu?... Vem com o teu amôr pela manhan da mocidade, abebera-o na corrente da minha vida, espalha-o pela minha existencia como por um prado. Tral-o á collina do meu coração e deixa-o dormir no aprisco da minh'alma, com o balido de teus beijos, sempre! sempre! sempre!



Jésus de Nazareth

Perto da fonte, sob uma abobada de verdura fresca, Maria, irman de Martha, a mais delicada e linda moça da Bethania, esperava o nazareno que vinha de longe, por entre alas de loureiro e murta.

O sol morria na extrema do horizonte. Bandos de lavradores, ao lado dos bufalos suarentos, sentados nos varaes dos carros vagarosos, cantavam descuidadamente, sob os ultimos clarões purpureos que desciam do azul do ceu pacifico.

De espaço a espaço ouvia-se um balido manso surdindo d'entre moutas de cloendros, como uma nota perdida do madrigal vesperino. Cabras e carneiros desfilavam. Raparigas morenas, de branco, subiam pela encosta da collina carregando aos hombros amphoras vermelhas.

— Salve, Jesus de Nazareth!

— Salve, Maria! respondeu o Christo, com

um sorriso terno, beijando a fronte immaculada da moça donzella.

E os dois, as mãos unidas, graves, meditativos, subiram pela vereda olente, conversando baixo, nessa linguagem musical, suave, exclusiva dos namorados.

— Em que pensas, Maria?

— Em vós, senhor. E outro não é o motivo da tristeza que ennoitece minha alma.

— E d'onde vem essa tristeza, filha?

— E' que sei de uma mulher, Jesus, uma mulher formosa que se aproxima de vós tão de continuo que os vossos cheiros confundem-se. Juro, meu bom senhor, que ora ella expande dos cabellos negros o perfume dos oleos que levastes quando d'aqui sahistes. E, se me não engano, pertence-lhe esse que agora tendes, meu Jesus.

— E que mulher é essa que me rouba os teus mimos e enche-te os olhos d'agua?

— A mais formosa d'entre as mais formosas, a morena seductora, dona dos olhos de veludo, dona da boca debruada a purpura, dona do vosso amôr — a Magdala.

— Filha, disse Jesus, se salvasses da borrasca um passaro sem ninho, sem abrigo, não terias amôr ao pobresinho?

Maria levantou os olhos para o Christo e, fitando-o entre lacrimosa e tristonha, respondeu-lhe :

— Mas porque razão não a salvastes, meu senhor, sem esquecer-me? Porque pregais o

Bem a toda gente e apenas praticais o mal commigo. Porque razão abristes vossos olhos onde fui lèr, pela primeira vez, o Cantico dos Canticos? Antes de ver-vos eu não me affligia, mas se agora vos não vejo desespero. Sois, bem m'ò diz o coração ancioso, o Messias que minh'alma, ha tanto, espera. E que maior adoração quereis? Fiz do meu corpo um templo para adorar-vos exclusivamente. Fiz dos meus labios cythara sonora, cirios dos meus dois olhos, dos meus cabellos, ouro para espalhar-vos pela frente, dos peitos aras perfumadas sempre e, para commungardes, meu Jesus, offereço-vos a minha boca — o calix; e, num só beijo, como em uma hostia, toda a minha alma branca e immaculada. E, se viestes do ceu para salvar o mundo, porque tambem não me salvais, Jesus?

O nazareno repelliu suavemente a virgem e, volvendo os olhos para o ceu, balbuciou, pela primeira vez, quasi vencido, sem animo de voltar-se para ella, tremulo, sentindo-lhe o halito perfumoso acariciar-lhe a nuca :

— *Eli, Eli, lamma sabacthani?*



Para o inverno

Estava a expirar o outono — os celleiros regorgitavam. Nos campos rasos, doiraços de sol, cantavam, sobre os restos da seara, as colôvias alegres. Nos vinhedos, sobre os varaes empampanados, os melros joviaes chalravam hilaramente.

Manhans deliciosas, ceu azul, limpido, sereno. Dava gosto sahir do leito cedo, antes de nascer o dia, quando a lua mansa branqueava ainda os prados, para ir esperar no monte o primeiro venabulo do sol e o despertar canoro de toda a passarada.

A gente da lavoura começava a tocar para os casacs os bois possantes que tiravam os carros de trigo, as abegoarias enchiam-se de charruas e de arados; os que tinham colhido os pendões flavos dos trigaes partiam agora de machado ao hombro ou de foice e iam buscar lenha aos montes, porque, á tarde, pela hora do Angelus, começavam a apparecer, toldando a diaphaneidade do ceu, cumulus alvissimos, boiando no espaço como *icebergs* suspensos.

A aldeia preparava-se para receber a neve.

Os passaros timidos, adivinhando a chegada das noites longas, despediam-se dos ninhos cantando sentidamente madrigaes sentidos.

As velhas, conhecedoras do tempo, falavam, com terror, do inverno que vinha, annunciando que não ficaria uma só folha nas arvores e que os montes cobrir-se-iam de gelo e viveriam dentro de uma redoma espessa, até o dia em que apparecesse no campanario a andorinha trissante, nuncia da primavera, dando a esperanza da fuga do inverno, como outr'ora a pomba da arca deu a Noé a boa nova do abaixamento das aguas do diluvio. Outras iam aos armarios, tiravam a roca e preparavam-n'a para os insipidos e prolongados serões do inverno.

Um velho octogenario, pobre velho de longos cabellos brancos e alva barba comprida, o tio Anselmo, sorria quando lhe falavam de Dezembro e, se alguem dizia que se fosse prevenindo, encostava o queixo no cajado e, sacudindo a cabeça, murmurava :

— Que me previna! Que me previna!... Previnam-se vocês e deixem-me. E sahia a cantarolar tranquillamente.

Um pastor, passando, uma vez, ao meio dia, junto da cabana do tio Anselmo, encontrou-o entretido, a regar um canto da sua pequenina horta, justamente onde não havia plantas. Era junto á porta da casa.

Tio Anselmo cantava molhando a terra e dois passaros, talvez os ultimos que andavam ainda pela aldeia, despedindo-se dos ninhos, no alto de uma gingeira cantavam tambem.

O pastor estacou diante do velho admirado de não ver planta e estar ali a pobre creatura a entornar regadores a ponto de fazer lama.

— Eh! tio Anselmo! Que é que vosmecê está a regar? a sombra da gingeira?

O velhote levantou a cabecinha branca e fitou longamente o pastor, sorriu, baixou os olhos e continuou a regar, cantarolando sempre. Depois pondo a um canto o regador, disse, esfregando as mãos :

— Estás espantado porque me vês regar um pouco de terra onde não ha plantas?

— De certo.

— E' para o inverno.

— Para o inverno!?

— Sim. Se eu te dissesse o que tenho aqui plantado!...

— Diga, tio Anselmo. Diga! insistiu o pastor.

— E' um segredo. Se eu te disser dentro em pouco toda a gente da aldeia estará a imitar-me E' para o inverno,

— Diga, tio Anselmo.

— Não, não. Tu não guardas segredo.

— Juro! Ninguem saberá.

— Pelo tumulo de tua mãe?

— Pelo tumulo de minha mãe!

— Bem, então ouve cá. E tomou o pastor pela

manga do gabão. Sabes que tenho aqui enterado?

— Não, tio Anselmo.

— Um raio de sol.

O rustico deu um salto para traz, espantado.

— Não te espantes, meu filho. Não sabes que as sementes dão fruto? Nunca viste plantar-se uma videira? Então? Que é o raio de sol senão uma semente da claridade? Quem planta um raio de sol pôde vir a colher dias de calôr, muitos dias de calôr. Eu, certa manhan, foi em pleno estio, vindo repousar á sombra d'esta arvore, vi um formoso raio de sol na leira. Estive a brincar com elle muito tempo e, de repente, veiu-me á idéa plantal-o. Sim, plantal-o para colher, durante o inverno, as luminosas flôres. E que melhor lareira, pastor? Quando vocês estiverem tiritando de frio eu estarei aqui, debaixo da minha arvore de luz, alumiado e quente, rodeado de calhandras, de pardaes e de toutinegras, porque todos os passaros immigrarão para o meu jardim, onde haverá sempre um pouco de calôr para os pobres. E todos da aldeia hão de vir pedir-me flôres de sol e sementes da arvore acalentadora, e eu darei. Ah! tens a razão porque estou regando esta terra sem plantas — é que tenho aqui a minha lareira para o inverno. E, tomando o regador, a cantarolar, o velho pôz-se de novo a encharcar a terra.

Inverno! As velhinhas da aldeia tinham dito a verdade — inverno rigoroso!

Os montes cobriram-se de neve, cahiram todas as folhas das arvores — á noite ninguem ousava sahir ao campo. O vento uivava sinistramente e os lobos, transidos, desciam das serras procurando abrigo junto aos curraes onde os rebanhos baliavam.

Em todas as cabanas, mal o triste sol afundava, accendiam-se fogueiras, toda a gente cercava a lenha, toda a gente procurava a braza. Os pastores, não podendo supportar o rigor do frio, fugiam para os casaes e, ás vezes, no meio da noite, ouvia-se o tilintar do chocalho de alguma ovelha que abandonara o aprisco montesino e procurava, a balir, um canto mais ao abrigo do vento.

Rigoroso inverno! As velhas tinham dito a verdade.

Tio Anselmo desaparecera, ninguem o via — elle que não passava um dia sem visitar todas as casas, sem ir ao presbyterio ajoelhar-se diante de Jesus, sem esperar as crianças conductoras de ovelhas que lhe pediam a benção antes da partida para os valles. Tio Anselmo não apparecia.

Uma noite, como perguntassem por elle, o pastor que o encontrara regando a terra sorriu.

— Tio Anselmo! Perguntam por tio Anselmo!? O velho é mais esperto do que qualquer de nós. Emquanto a gente cuida em rachar troncos, em apanhar gravetos durante o dia para

fazer as fogueiras da noite, elle lá está na sua horta, gozando o calor que lhe dá uma arvore de sol que abre flôres de luz.

— Uma arvore de sol! exclamaram todos a um tempo.

— Sim, porque tio Anselmo, em fins do estio, plantou na sua horta um raio de sol que, a esta hora, deve estar crescido e cheio de flôres do tamanho de estrellas.

Os camponeses, ouvindo a singular narrativa do pastor, puzeram-se de pé, tomaram dos cajados, dizendo em côro :

— Vamos ver a arvore de sol. Vamos vel-a! Um accendeu a lanterna e sahiram todos para o campo gelado, tiritando, enquanto a neve diaphana cahia sem bulha, amontoando-se em comoros brancos.

O grupo corria, precedido pelo pastor que, de quando em quando, alongava os olhares para vêr se conseguia avistar a claridade da arvore do velho, e nada ao longe!

Afinal chegaram. Um empurrou a cancellinha da horta e entrou. Tudo em sombras.

O pastor foi direito á leira para onde fez convergir a claridade da lampada. No lugar em que o velho plantara o raio de sol havia um monte de neve e, ao lado, estendido, hirto, regelado, tio Anselmo, o triste sonhador da aldeia. A luz não medrâra, a semente de sol não conseguira resistir á neve.

Os rusticos estiveram longo tempo a contemplar o velho e voltaram depois correndo, batidos

pela granizada, açoitados pelo vento e, junto das fogueiras das cabanas puzeram-se a comentar o caso triste.

Alguns zombaram da credulidade do velho; só o pastor, taciturno e tristonho, murmurava :

— Murchou, murchou a flôr de sol. Esperança, esperança!... E quantos morrem como tio Anselmo ! A flôr de sol murchou. Pobresinho do velho que morreu de frio!...



Lagrimas de noiva

Alba, a bôa fada protectora das noivas, Alba, que mora na pupilla azul das virgens sem peccado, passando, uma manhan, junto de uma camelia, ouviu o seu nome pronunciado por tres gottas tremulas. Aproximou-se e, pousando no coração da flôr, perguntou carinhosa :

— Que quereis de mim, gottas brilhantes?

— Que venhas decidir uma questão, disse a primeira.

— Propõe-n'a.

— Somos tres gottas differentes, oriundas de diversos pontos: queremos que nos digas qual de nós vale mais, qual é a mais pura?

— Pois sim. Fala tu mesma.

E a primeira gotta tremula falou :

— Eu venho das nuvens altas, sou filha dos grandes mares. Nasci no largo oceano antigo e forte. Depois de visitar praias e praias, depois de andar envolta em mil procellas, uma nuvem sorveu-me.

Fui ás alturas onde brilha a estrella e, rolando de lá por entre raios, cahi na flôr em que des-canço agora. Eu represento o oceano.

— Agora é a tua vez, gotta brilhante; disse a fada á segunda.

— Eu sou o rócio que alimenta os lirios; sou irman dos luares opalinos, filha das nevoas que se desenrolam quando a noite escurece a natureza. Eu represento a madrugada.

— E tu? perguntou Alba á mais pequena.

— Eu nada valho.

— Fala : de onde vens?

— Dos olhos de uma noiva. Fui sorriso, fui crença fui esperança; mais tarde fui amor. Hoje sou lagrima.

As outras riram da pequena gotta. Alba, porém, abrindo as azas, tomou-a consigo e disse :

— Esta é a de mais valor ! Esta é a mais pura.

— Mas eu fui oceano !

— E eu fui athmosphera !

— Sim, tremulas gottas, mas esta foi coração. E desapareceu no azul levando a gotta humilde.



Frutos do ceu

Bem singular, bem triste a historia do camponio errante. Nos campos, quando elle apparecia, vinham moços e moças, pequenos e velhinhos ouvil-o contar a historia das estrellas.

A historia das estrellas! Pobre camponio errante.

Pelo inverno rigoroso, quando a neve cahia, o pequenino idiota sahia para os caminhos tiritando e ficava a noite inteira ao vento, colhendo nas mãosinhas os frocos de geada, e, quando lhe perguntavam porque passava as noites fóra, á neve e ao vento, respondia tristemente: — Colho estrellas.

Pela primavera o pequeno idiota tinha saudade da neve e então, para consolar-se, punha-se a mirar as tremulas estrellas e, apontando-as, dizia :

— Aquella pequenina que ali está, no proximo Dezembro frio, virá cahir na concha dos meus dedos. Aquella outra, a grande, não está em tempo ainda; aquella só para o outro anno. Ha muitas verdes, muitas, muitas! Quando vier o outono das estrellas todas amadurecerão.

E, consolado com pensamentos taes, o pequenino idiota adormecia.

A lua era o seu sonho. Ah! se a lua cahisse! E o pequeno fitava os olhinhos no astro mysterioso, branco como uma bola de neve.

..

Foi rigoroso o inverno, em janeiro. Morreram carneirinhos na montanha, pastores fugiram para as aldeias, tremendo de frio, com os gabões molhados de nevasca; as arvores ficaram cobertas de carambina e, nos campos, grandes stalagmites de gèlo hirtas, hyalinas eram como vergontes de uma flora de crystal phantastica.

O pequeno exultava. Que grande colheita de estrellas ia elle fazer por esse mez inteiro de geada! Que grande e rica colheita! As velhas fiandeiras, durante os serões das noites gemedoras, no interior das cabanas, ao calor das fogueiras, ouviam a voz dolente do idiota e diziam baixinho :

— La vai a pobre criancinha para a colheita da neve.

..

A neve, nessa noite, cahia abundantemente : as collinas estavam cobertas e as aguas dos corregos quasi crystallisadas. O pequenino batia as palmas de contente e, a um pastor retardatario

que descia da montanha regelada, elle disse a sorrir :

— Germano, hoje é a grande noite. Hoje é a grande noite! A lua, vês? a lua está madura e vai cahir, Germano. Espera um pouco para veres a lua. E, tiritando, mostrou as mãosinhas roxas, cheias de neve clara.

— Estrellas de hoje, Germano.

O pastor passou adiante e o pequeno ficou para esperar a lua.

..

Ao nascer d'alva, um carreiro, passando pelo caminho escuro dos pinheiros, ouviu gemidos tristes. Parou os bois robustos e poz-se a procurar a victima. Andou de canto em canto furando a neve com o cajado até que, depois de grande azafama, conseguiu descobrir o pequenino idiota quasi inteiramente coberto por um comoro de neve.

Levou-o para uma herdade proxima e, acudindo-lhe com confortativos, aquecendo-o a um fogo de pinho, conseguiu chamal-o á vida.

O pequenino abriu os olhos doces, sorriu para a caseira que o animava carinhosamente, mas descobrindo o pastor Germano entre a gente da herdade, ergueu-se e agitando as mãosinhas, exclamou :

— Então, Germano! Então, Germano! Que te disse eu? a lua cahiu esta noite. Vai vel-a no campo, vai vel-a entre os pinheiros, lá onde me

foi achar o carreiro da herdade. Vai vel-a.
Mas, de repente, desatando a chorar, poz-se a
dizer baixinho, com o rosto nas mãos : Que ha
de ser de mim agora!... Que ha de ser de mim!
Não ha mais frutos no ceu... O ceu não tem
mais frutos!



Soror Fabia

O tribunal monastico ia julgar a peccadora accusada de crime nefando.

Em torno da mesa, freiras, velhas e moças, com os rosarios no collo, os capuzes cahidos, o rosto baixo, oravam pela criminosa.

Ardiam cirios em tocheiros enormes e o sino do convento, de vez em vez, plangente e funebre, desferia um melancolico gemido.

O martyr Jesus era o juiz que, do alto do negro cruzeiro, presidia o julgamento.

Soror Fabia, de joelhos, esperava a sentença. A um canto da sala ardia um brazeiro estalidante.

A um tempo as freiras todas persignaram-se. houve um ruido sinistro e os rostos pallidos das ascetas voltaran-se para a condemnada.

Nem uma palavra, nem um movimento.

A braza estalava de quando em quando, vermelha e sinistra.

A um gesto da superiora quatro monjas

ergueram-se e, dirigindo-se a soror Fabia, em nome de Jesus, fizeram-n'a sentar-se em um grabato. Tomaram-lhe os pequenos pés brancos e côr de rosa na palma — tomaram-lhe os pequenos pés, enquanto uma velha corria ao brazeiro para examinar a espátula candente.

O sino gemia de momento a momento.

— Confesse, soror Fabia! exigiu a superiora. Accusam-n'a de um acto iniquo, accusam-n'a de um peccado revoltante. Confesse, soror Fabia!

A victima sorria.

Uma pancada secca sobre a mesa foi o signal da superiora. A velha freira tomou a espátula do brazeiro e, acorando-se, encostou-a na palma côr de rosa do pequeninopé da peccadora.

A carne chiou e a espátula, á força da pressão, curvou-se.

A victima sorria.

— Confesse, soror Fabia! tornou a superiora friamente.

Nem uma palavra; os olhos apenas, fitos no juiz crucificado, pareciam pedir perdão.

A executora aqueceu de novo a espátula e applicou-a ao outro pé da freira.

As lagrimas saltaram-lhe dos olhos... e a misera sorria.

— Confesse, soror Fabia!

..

Um gemido repercutiu na sala baixa e lobrega, e a freirinha, lavada em pranto, falou soluçando :

— O ferro do supplicio abraza, mas ainda é pouco, irmans religiosas, é muito pouco ainda para obrigar-me a trahir o meu segredo. Mais queima um beijo. Um recebi eu, foi em tempos que vão longe! entretanto abraza-me o coração, abraza-me ainda a alma esse primeiro e unico que recebi na boca. Apesar de queimar com mais intensidade não confessei que o amava, amando-o como a minha melancolia de hoje affirma.



E vós, religiosas, e vós, bôas irmans, exigis que eu o denuncie queimando apenas as plantas dos meus pés a fogo lento. Incendiai-me o coração! Incendiai minh'alma que nem assim o sabereis! Nas cinzas do meu corpo não descobrireis o nome do que amo, irmans.

Nunca descobrireis!

Dizendo estas palavras cahiu desfallecida no grabato.

Foi justigada á noite, á hora da meia noite, nunca, porem, as velhas monjas conseguiram saber quem era o cavalleiro, que, pelo tempo dos luares, vinha cantar amores debaixo da ogiva escura da cella de soror Fabia.



A perola

Certa manhan Amor, andando a correr os bosques viu, ao primeiro clarão do sol, em branca petala de magnolia, uma gotta de orvalho. Limpida e tremula a pequenina gotta, dentro do seio immáculo da flôr, era como um coração sem nodoa de peccado.

Amor, menino e trefego, colheu a petala mimosa e outra igual para resguardar a lagrima da aurora dos calores do sol rispido e ardente.

E foi pelos bosques sem destino, frechando aqui, frechando ali, deixando, como rastro da sua passagem, maguas nos corações, idylios nalma.

A' beira mar parou.

Parou para ouvir o casto e candido murmurar das aguas e o soluço constante das espumas que nasciam nas ondas e que nellas morriam.

E pôz-se a seguir o rumo das gaivotas que se levantavam do mar como espumas aladas.

Depois fechou com uma petala a outra petala. Dentro a gotta tremia como um coração pul-sando.

Amor juntou as petalas, largou o escriptorio nas ondas e ficou vendo-o fugir, boiando á verde flôr dos mares mansos.

Annos depois, em praias da Sicilia, estando Amor á sombra de um penedo á espera de uma naiade, viu vir boiando á flôr dos mares mansos uma concha de alvura incomparavel.

Lembrou-se, então, das petalas da magnolia.

Saltou ao mar, tomou a concha e abriu-a em procura da gotta de rocio, mas agazalhada como estava outr'ora a gotta d'agua Amor, curioso, achou uma mimosa perola.



Contam navegantes phenicios que, pela primavera, os mares gregos ficavam brancos de petalas de flôr.

Uns attribuiam o phenomeno á intervenção das nymphas, outros ao capricho de Eolo, outros ainda á garridice de Amphitrite.

Um pescador siciliano foi o unico que disse a verdade :

« Era um menino louro que, pelo tempo das magnolias, corria os campos, ao clarão d'alva, colhendo flôres para juncar o mar com ellas.

« Algum voto a Neptuno, concluia o pescador siciliano. »

.....
Só então começaram a apparecer as perolas.

Christo em Capharnaum

— Jesus de Nazareth! gritavam os leprosos.

— Jesus de Nazareth! bradavam os cegos.

E o rabbino passava vagaroso.

Aqui um velho tropego aprumava-se, um cego, de repente, abria os olhos; os leprosos ficavam sem feridas, os aleijados atiravam para longe as muletas inúteis e mais aleijados vinham, tentando caminhar sem os arrimos, bambos, cahindo, tremulos, com um toc-toc de muletas toscas dando de braços e gritando pelo simples Jesus, filho de Deus.

E o rabbino sereno estendia a mão benéfica curando.

— Nisto entrou na synagoga uma pequena de Galaad. Triste, os olhos grandes humilhados, soltos os bastos cabellos, sem sandalias nos pés. Vendo Jesus, o medico divino, foi cair-lhe aos pés chorando e disse :

— Jesus, curai-me por quem sois! Dai-me de novo a paz que já não tenho. Dai-me socego á alma e allivio ao peito. Vêde que desfalleço e acabo lentamente!

E, beijando os pés poentos do piedoso mis-

sionario santo, humedecia-os de lagrimas ardentes.

Uma mulher de Samaria, vendo a criança aos pés do nazareno, avançou para ella com os punhos cerrados, feroz e indignada :

— Sahe-te, ran dos pantanos! Que molestia tens tu? Vai-te d'aqui, damnada!

Jesus, porém, meigo, piedoso e bom, impondo a mão á frente da criança, protegeu-a benigno.

— Deixa-a, samaritana. Ella que me procura é porque tem alguma enfermidade. Deixa-a!

— E, baixando os olhos e enternecendo a voz, perguntou á pequena :

— De que mal soffres, minha filha? Fala.

— Jesus, as noites passo-as sem cerrar os olhos, os dias correm sem que eu ache o riso. Meus tristes olhos vêm, em toda parte, uma sombra perseguidora — nas aguas das correntes, nos rosaes, nas estrellas, na treva e nos luares, durante as noites e durante os dias.

— Tens remorsos, pequena?

— Não, Jesus.

— Então?

— Amo.

O Christo cravou os olhos no mosaico, conservou-se calado muito tempo, meditou profundamente e, subito, falando aos que o cercavam, disse :

— Vede, esta criança que eu acaricio, soffre mais do que todos vós, meus filhos.

— E' mentira! bradaram.

E a samaritana, arremettendo, perguntou furiosa :

— De que soffres, vadia?

— De amor, disse o calmo Jesus.

E, pensando em Magdalena, balbuciou, fugindo do tumulto :

— O amor... só o amor o salva. Um coração não tem luz propria, recebe a vida de outro coração. Como curar a enfermidade d'alma? E depois de pensar : Pequena, vai-te! O remedio que me pedes está na boca do teu namorado. O que não te posso dar : a cura, um beijo, um beijo só, um só, dar-te-á. Vai-te.

E sahiu pensativo, acclamado e seguido pela multidão curada.



Edelweiss

Tácita brancura! Luto niveo do inverno!

Hyalico sudario extenso envolve a planície inteira. Tremem no espelho frio as sombras hirtas dos esqueletos das arvores.

Neve por toda parte!

As aguas cantantes dos regatos, as gottas perennas das fontes foram petrificadas. De rumores só o zunido do vento e o trino do granizo estellidante.

De quando em quando um corvo corta a mussellina da garôa e some-se. O horizonte aproxima-se.

Nem um pastor! Os casaes, embuçados no gelo, espreitam como enormes ursos brancos. Os flocos, cahindo sempre, vão formando pyramides. Infinita solidão alva, sinistra e muda estende-se, alonga-se, regeladissima sempre!

Nesse isolamento frio subsiste uma flôr — a edelweiss da steppe. A neve cahe constantemente, zimbra e rufia a ventania e ella vive, viçosa sempre, pequenina e forte na infinita tristeza da invernia.

Como esse deserto nú e devastado tenho o meu coração constantemente.

As tristes desillusões enchem-n'o todo, melancolias apertam-n'o transindo-o, maguas pesadas matam-lhe as esperanças — nem uma só de pé — restam apenas os desenganos, esqueletos de antigos ideaes.

O que ainda o anima, o que lhe empresta algum conforto é o teu amôr, que é como a edelweiss dos gêlos, vivo, eterno! na tristeza hibernal do meu coração magoado.



Prisioneiro

Coração ! Tri ste prisioneiro eterno ! Vive constantemente a bater d'encontro ás paredes do carcere que o encerra sem conseguir, jámais, uma sahida. Dia e noite trabalha. Prestando attenção ouvimos continuamente o ruido da faina do galé, continuamente ouvimol-o gemer e não nos commovemos, e não nos apiedamos.

Uma luz alumia o carcere trevoso — é a alma, candeia sempre accesa, alirada a um canto da prisão para alumial-a e aquecel-a.

A's vezes, pelos olhos, como por dois postigos, entram raios de sol e o prisioneiro trabalha com mais animo, aquecido pela luz vibrante e tepida.

Levamol-o comnosco a toda parte : elle é que nos regula a marcha, elle é que nos determina tudo — o carcere obedece ao encarcerado.

Dentro do funesto asylo, acororado a um canto do corpo — essa ignominia — o coração, como Sylvio Pellico, compõe as suas saudades, aproveitando todas as melancolias e todas as amarguras. A obra da Humanidade é quasi toda

devida ao triste prisioneiro. Elle é o Prometheu da materia : um abutre, o amôr, lacera-o de instante a instante e é do sangue que escorre das suas feridas que têm surgido as aparições meigas como Cordelia, mansas como Imogenia, languidas como Julieta, loucas, sentimentaes como essa harmonia dolente, nympha depois de morta, depois de morta deusa — Ophelia, a victima encantadora da paixão, extincta sem o baptismo purificador do beijo.



Entremos vagarosamente no carcere.

Ali, ao canto, o galé trabalha. Mais devagar! Não o interrompamos. Parece que nada tem feito, parece que ainda não conseguiu vencer um ponto, entretanto ha um acervo enorme junto d'elle. Quanta destruição! Quanta coisa inutilisada! Nem era possivel que elle, batendo, ha tanto tempo, não conseguisse fazer alguma ruina.

Ha ali saudades, esperanças quebradas, illusões e illusões em mil pedaços. Quanto amôr destruido e que quantidade de crenças incineradas. E elle continúa a bater. O carcere resiste, a luta augmenta — é que a sentinella, no alto do torreão onde o pensamento habita, não tem tempo de embargar a entrada a tudo. A agonia, a dolorosa agonia que espreita o prisioneiro, desce como um lacrau e morde-o covardemente.

O misero, sentindo-se ferido, geme e todo o carcere atrôa o seu gemido e para fugir ao vene-

noso inimigo, redobra de esforço, exhaure-se e, ás vezes, fica banhado em copioso suor, tão copioso que quasi sempre rebenta pelos olhos.

A agonia sóbe quando um raio de luz mais forte invade o carcere. O triste descansa então, parece que se recolhe um momento emquanto a alma visita a enxovia seccando, com o seu calôr, a humidade da lagrima.

Outras vezes, porém, está o desgraçado no seu trabalho eterno e alguém canta em torno do carcere. O emparedado escuta, deixa um instante de pensar na evasão, entrega-se todo á musica, dá-se inteiramente á cavatina. E' o amôr que passa, é o amôr que o visita.

Agora, por exemplo, como o galé humilha-se, como se achega á muralha da prisão, como procura a alma para alumiar a cova. Encolhido como está parece Caliban na brenha, entretanto alguém que se aproxime d'elle, alguém que o ouça... Ariel, o aereo, não cantava com mais doçura. A musica que passa é a serenata do amôr — é o que lhe dá vida, é o que lhe dá força. Outro prisioneiro conversa da sua jaula com elle. Falam-se, a principio rapidamente; aproximando-se, estreitam a amisade e ficam, como este agora, que não póde trabalhar na sua cellula sem ouvir o ruido do trabalho do outro.

Este levissimo som que vibra ainda parece uma nota de cythara — é a descida da refeição no beijo; foi um beijo que desceu para levar alimento á victima. Como o forçado anima-se, como se fortifica!

Não ha perdão para elle. Foi lavrada a sua sentença : eterna carceragem. Perguntarão : « Como pôde viver o desgraçado preso na cafurna infecta do corpo? » Vive sonhando, sonhando com o seu ideal, e é por isto que procura fugir, e é por isto que bate dia e noite, incessantemente, desesperadamente nas fortes paredes do corpo, procurando abrir passagem para alcançar o seu sonho.

Mas não consegue. Em alguns o mineiro preso cava profundamente na sensibilidade, em outros bate apenas sem conseguir arredar um ponto das muralhas.

Quando a fadiga o vence, o misero deita-se no seu leito de saudade e recorda o passado escuro, o triste passado de ancias e de desesperos, na ferruginea prisão onde vêmina a melancolia.

Na hora da desesperança, já sem animo de continuar, recolhe-se, suspende o trabalho e, subito, com um sopro forte, apaga a lampada da enxovia : a alma, e deita-se, para todo o sempre, no seu carcere-tumulo, livre da magua, livre do amor, descansado, emfim, da allucinação torturante do ideal.



A sentença

Amur, chefe de um bando de beduinos, teve noticia por um dos camaradas, de que Ibrahim, seu filho, conquistára a beijos Valinda, a favorita.

Amur, ciumento e cruel, guardou-se para tirar vingança dos traidores e, uma noite, como parassem junto das pyramides, na areia morna e fôfa de Ghiseh, Amur chamou á sua presença os dois culpados.

Resplandecia no ceu claro o pallido crescente, o cheiro da mandragora excitava e, ao clarão vermelho dos archotes fumarentos, reluziam as compridas lanças dos cavalleiros do deserto, fincadas junto ás tendas.

Valinda, a ismaelita, aproximou-se do scheick humilde e triste, o rosto baixo, os olhos lacrimosos, sem sandalias nos pés, um veu no rosto, os cabellos rolando pelos hombros.

Ibrahim, o traidor, trazido por seis arabes possantes, appareceu depois.

Amur fumava, esticado voluptuosamente sobre um pello de leopardo — um nomade, de alfange

nú entre os braços cruzados, fazia sentinella, enquanto uma mourisca impubere picava indolente uma mandora.

A gente da caravana reuniu-se toda em circulo em torno do chefe. Os criminosos estacaram. A mandora deixou fugir a nota derradeira.

— Ibrahim, falou Amur, erguendo-se sobre o cotovello, deu-me Allah a tua vida e eu não quero desfazer-me do presente do Muito Alto. Tu, aproveitando-te da noite e dos teus annos, assaltaste a boca da mulher que amo. Quero, comtudo, ser clemente e perdôo-te....

Valinda estremeceu. O chefe continuou :

— Perdôo-te, mas condemno-te a seres o carasco da traidora. Divide-a com o meu alfange em duas partes. Toma uma para ti, a parte que me roubaste, dá-me a outra, a que me cabe de direito.

E cuidado! Vê bem! Em duas partes bem iguaes.

E offereceu ao moço o seu rútilo alfange.

∴

Ibrahim avançou e, recebendo a curva lamina das mãos do chefe, disse sereno e altivo :

— Queres que divida Valinda em duas partes? Seja! Nota, porém, que nós, diante do astro que brilha no alto azul, juramos ser fieis eternamente. Eu e Valinda não somos mais que um sêr. São dois os nossos corações, porém o nosso amôr é um. Eu vivo dentro d'ella, ella dentro

de mim. Mas já que exiges a divisão, cumpra-se a tua vontade.

E, arrancando da cinta de cachemira o yatagan marchetado, ergueu bem alto o braço forte e, á claridade da lua, viram todos o ferro enterrar-se-lhe no peito.

Vacillou e, dobrando os joelhos, foi cahir sobre o pello de leopardo, junto ao pai espavorido soltando, ao cerrar os olhos, estas palavras finaes :

— Aqui tens a parte de Valinda que te pertence, pai. Lego-te a minha.

E, com mão ensanguentada, incerta e tremula, mostrou ao pai e á tribu a ismaelita morena.



O espelho de Brigantium

— Hospitaleira gente de Brigantium, quero perpetuar o meu reconhecimento para que a todo tempo saibam os deuses immortaes e os homens passageiros saibam. Assim falou Hercules, o forte, construindo junto do mar queixoso uma torre de pedra monumental. No alto, o vencedor heroico de Lebreu, collocou, com o proprio punho, um espelho maravilhoso.

Liburnas que velejavam longe, reflectiam-se no aço fulgurante.

Triremes que fugiam pelas aguas remotas appareciam milagrosamente no prodigioso espelho. Os habitantes da cidade tinham sempre, perto dos olhos, os seus queridos que andavam ao sabor traicoeiro do oceano — velas pandas ao vento, remos compridos nagua, fugindo pelas ondas perfidas.

Namoradas iam, pelas manhans serenas, consolar os olhos e suffocar saudades vendo os namorados que andavam muitas milhas afastados. Mães sorriam vendo os filhos á prôa, com os olhos voltados para o ladô da terra natal, pensativos; criancinhas batiam as palmas recon-

hecendo os pais entre os marujos. E tudo o espelho de Hercules mostrava.

E sempre os de Brigantium tinham diante dos saudosos olhos os queridos do coração por mais longe que fossem!



Assim eu, minha flor! Longe, por mais longe que estejas, minh'alma reflecte a tua imagem suave, o teu formoso rosto, o teu sorriso candido.

E, todo o meu coração com saudades e amor, crenças e melancolias, rejubila revendo-te, querida, como essa gente da cidade antiga alegrava-se vendo os seus marujos viajeiros estampados no espelho que lhe dera Alcide.

A alma é o espelho, a saudade é a sombra — sombra dos queridos, sombra dos desejados que nella se reflectem — quer a distancia os separe, quer os separem tumulos.

Nunca estás longe de mim; doce amor, estás sempre commigo, vejo-te sempre em minh'alma... sempre! sempre! sempre!



Zahuri

Longe os montes verdes e silencioso, claro, fugindo por entre os sobrciros, o rio manso onde os ginetes, mergulhados até o ventre, bebem á guarda de uma turma de escravos.

Distante, reluzindo ao sol ardente, Granada, — a mourisca, entõa pela boca dos muezzins a oração meridiana ao deus das fortes tribus da gente cõr de sandalo.

A voz passa de minarete a minarete e, no acampamento, embainhando as largas e curvas cimitarras, sincando as lanças na terra, os mouros tiram os turbantes e prostram-se de bruços, resando, enquanto o amir, á porta da tenda de purpura, solemne, os braços cruzados no largo peito, cabeça núa, firme, olha a formosa cidade longinqua com o olhar fixo, sereno e duro das aguias quando fitam o sol.

Subito uma voz estrugindo no campo quebra o encanto mystico do exercito anesthesiado pela oração : Zahuri! Zahuri!

Os guerreiros debruçados levantam apenas o rosto da terra e espiam.

Um velho, estatelado no campo, entre as tendas, entre as lanças, olha estupidamente os meninos mouros que o cercam, gritando :

— Zahuri! Zahuri!

Para qualquer lado que se volte encontra um impertinente que lhe brada, aos saltos :

— Zahuri!

O amir olha algum tempo, depois, sem mover um passo, faz signal aos pequenos e o velho é immediatamente agarrado e conduzido á presença do chefe.

Apparenta idade de patriarcha, o misero.

Descem-lhe pelo peito magro e queimado longas barbas amarellas; os cabellos, cheios de herva e de espinhos — por que elle anda, quasi sempre, a errar entre as urzes dos montes — dão-lhe uma feição leonina á cabeça, mas os olhos irrequietos, vermelhos, desorbitados, enormes, reluzem estranhamente nas orbitas como fogueiras ardendo á entrada de furnas.

— Zahuri! diz imperativamente o chefe, tu que tens a faculdade de vêr atravez da terra e atravez do céu; tu que te sentas á borda dos tumulos e vês a carne desfazer-se no fundo da terra como eu vejo os peixes passarem nas aguas limpidas; tu que vês no coração da pedra o diamante; tu que és mais poderoso em vista do que as aguias valentes que olham do espaço e descobrem a presa nos valles, Zahuri, em nome de Allah, segue-me! Preciso dos teus olhos prodigiosos.

O velho, sem dizer palavra, curva a cabeça e

caminha e é o proprio amir quem afasta o byssus pesado das cortinas para que elle passe.



Interior menos guerreiro que voluptuoso. Enredam-se em sanefas, circulando a tenda, a cachemira, a purpura e o damasco. Armas de apurado lavôr, mais de mimo que de combate, aos feixes, em panoplias, reluzem por toda parte. Flôres, em vasos de bronze bysantino, abrem corollas rubras — outras, pequenas, espalham um perfume activo. Incensorios enfumagam de arôma o harem e, uma gazella familiar, com o dorso coberto por um panno de sêda e ouro, de pé, a um canto, mira-se namoradamente no aço polido de um escudo.

Por aqui quadros de amôr, instrumentos mouriscos dispersos por ali : cannas de flautas, arrabís, mandoras, o repábil do chefe, adufes engrinaldados e mandolinas de ébano e de sandalo; estandartes musulmanos e no centro preso por um nastro de sêda, o crescente de prata cravejado de pedras.

Em altos tapetes de felpa macia rubros, côr de laranja, alvissimos, as mulheres do amir, sentadas em grupos de tres e quatro, na mais bizarra combinação de còres de pantalonas fofas e de corpetes, todas envoltas em musselinas, sequins em torsaes pelos cabellos, numa indolencia preguiçosa e molle de meio dia, gazilam e excitam um pequeno passaro solto

que vôa, aos gritos, raivoso, pulando de collo em collo, de hombro em hombro. Uma escrava, quasi adormecida, guarda nos labios o bocal de ambar de um tubo de narghilé; outra, com os braços por baixo da cabeça, esticada em uma pelle de leopardo, coberta por um burnú arabe, canta, com voz sumida, uma canção de serralho. Uma pallida, de longos cabellos negros, ajoelhada sobre um tamborete, chora, beijando, de vez em vez, um crucifixo de marfim que segura fervorosamente a mãos ambas.

O amir pára e chama :

— Zahuri! O velho, sempre de cabeça baixa, aproxima-se arrastando os pés descalços. As mulheres, surprehendidas, voltam-se, caladas.

Guardam, porém, as mesmas attitudes a branca lacrimosa e a que tem na boca o fino tubo de ambar.

— Zahuri, esta mulher pertence-me, diz o amir, designando a moça dos longos cabellos negros. Guardo-a commigo ha muitas luas; creio, porém, que á proporção que o meu amôr augmenta o seu despreso recrudesce. Ella tem outro amôr. Quero que lhe vejas o coração e a alma. Pede-me depois o premio que quizeres. Examina, Zahuri!

A moça, vendo o esfarrapado velho adiantar-se para o seu lado, põe-se de pé de um salto, mas encontrando diante os olhos as duas pupillas vermelhas do vidente prodigioso, recúa espavorida, exclamando :

— Um Zahuri! Um Zahuri, meu Deus!

— Sim, affirma o chefe, um Zahuri. Já que não me quizeste dizer a verdade, embora eu, pela primeira vez, encostasse o joelho em terra; já que não te venceu o carinho, a fina argucia da vista do Zahuri descobrirá, dentro do teu coração, o amôr que faz com que recuses o meu. E, voltando-se solemnemente para o velho, ordena :

— Vê!

Quasi de rojo o misero aproxima-se da favorita, antes, porém, que lhe toque no corpo ella mesma, corajosamente, rebenta os alamares do collete, depois as perolas da camisa de sêda, põe a nú o collo e os peitos alvos, coroados por dois botões de rosa, nuncios da primavera sensualissima da carne, e avança exclamando :

— Vê, Zahuri! Endemoninhado, vê!

E os seus pequeninos dedos nervosos desfazem a sêda, o ouro, a cachemira — veste-lhe apenas as espaldas brancas o veu de filigrana ebenica dos cabellos.

As outras mulheres tremem de horror — menos a do tubo de ambar que dorme embriagada, apertando o bico dos peitos, mordendo os labios e soltando, de vez em vez, suspiros d'entre sorrisos.

O velho calca a vista no peito da orgulhosa captiva e demora-se a examinar detidamente.

O amir não tira os olhos do seu rosto estudando-lhe as contracções.

— Então, Zahuri?

— O coração, senhor. Vejo-lhe o coração.

— Não basta. Mergulha a vista, sonda; deve haver alguma coisa dentro d'elle.

— O Zahuri fixa de novo os olhos penetrantes e, depois de longo exame, banhado em suor, ergue a cabeça e diz :

— O coração, senhor.

— Que mais?

— Mais nada.

O amir carrega o sobr'olho e, desembainhando o yatagan de larga lamina, torna :

— Zahuri, attenta bem!

De novo o velho crava a vista no peito da donzella, detem-se, mas desanimado, recua meneando a cabeça.

— Que viste?

— O coração, senhor. Sómente o coração...

— E a alma?

— A alma! exclama o miseravel attonito. A alma!? não vemos, senhor. A alma é o Deus do corpo e Deus não se vê. Nós, Zahuris, nunca vimos a alma; nenhum de nós, senhor. Se quizerdes, posso mostrar-vos as minas subterraneas onde o ouro refulge, posso dizer-vos que se passa em Althair, a estrella gemea do sol... mas a alma! Nós, Zahuris, não podemos vêr. Nós não vemos a alma.

— Mas eu ordeno. Vê! E escolhe : a fortuna ou... e o yatagan de larga lamina esplende como um corisco.

Calmamente conserva-se o velho e sem resposta. Com os dedos tremulos abre os farrapos da camisa, tira o albornoz dos hombros, junta as

mãos, ergue os olhos e, curvo, balbuciando, arrastando os pés, encaminha-se para o amir.

— A alma não nos é dado vêr, senhor. Nós, Zahuris, nunca vimos a alma. Não posso ver... meus olhos não têm força. Feri! aqui me tendes. Feri! Mas ficai certo, senhor, do que vos digo: Zahuri algum viu jámais o Deus do corpo. Vê-se o coração como se vê a colmêa, mas as abelhas, amir, ninguem as vê... ellas trabalham mysteriosamente.

O chefe encara desconfiado o velho, aperta o yatagan nos dedos e, apontando a sahida, expulsa-o com um gesto.

— Seja o Senhor comvosco, amir, diz o Zahuri inclinando-se. Muito honroso seria para mim qualquer serviço que vos pudesse prestar, mas... a alma nenhum Zahuri viu ainda. Nós não podemos vêr a alma — é o mysterio do coração. E desaparece arrastando os pés incertos.

Nesse instante a moça, avançando para o amir, diz arrogantemente :

— Amir, nem mesmo que a vista dos Zahuris pudesse descobrir o segredo mais intimo do meu coração, minh'alma, esse que d'aqui sahiu, nunca descobriria.

— E porque? pergunta furioso o chefe.

— Porque está longe, com outra alma, no coração do que eu amo.

E, correndo a cortina da tenda, mostra Granada ao longe, clara ao sol, rutilante de côres, com os minaretes das mesquitas relampejando á luz.

O baptismo

Espinhos das asperas montanhas, topos e pedregãos dos caminhos silvestres iam-lhes tomando, aos poucos, os vestidos.

Quasi nús, os pés em sangue, os cabellos crescidos, ora dormindo á luz das estrellas, nos altos cimos frios, ora invadindo as cavernas molhadas-ella encolhida, a rezar no fundo do abrigo escuro; elle, de ronda fóra, attento aos rumores da floresta e ao farfalho das folhas, na espectativa sempre de uma luta bravía com a fera, dona da humida caverna.

Andavam errantes, fugindo á vingança de um fidalgo austéro, simplesmente porque ella era a primogenita da nobre e elle apenas trovador.

Fugiam porque os corações peccaram, amando-se. O que lhes dava algum allivio nas horas de maior tristeza era o sorriso da criança, que, ora a mãe levava ao collo, agarrada ao seio, ora o pai acariciava muito chegada ao coração.

Nessa jornada amorosa, atravéz dos desertos não batidos, viviam como barbaros, nutrindo-

se de frutos, menos a criancinha, para essa sempre havia leite.

..

Certa noite parando em esteril monte a mãe desventurada notou que o filho estremecia. Presentimento tragico agitou-a.

— Depressa, Alcindor. Agua! Agua, meu amor, que o pequenino morre!

— Agua! exclamou o trovador attonito, correndo olhares anciosos por todo o escaldado monte.

— Sim! Depressa! Depressa... para baptisal-o!

A criancinha agonisava á luz dos cirios pallidos do ceu.

Alcindor desceu o monte aos saltos e ganhou a floresta da aba, em demanda de rio ou uma fonte onde apanhasse um pouquinho d'agua.

Pobre Alcindor!

Não havia na floresta um veio! Em toda a redondeza nem signal de arroio!

..

Meia hora depois o trovador errante voltou com uma folha verde, vagaroso, passo a passo, para não perder o precioso achado :

— Edwiges, aqui tens. Toda a agua que

encontrei na selva : duas gottas de orvalho numa folha.

— E' tarde, Alcindor ! O pequenin o foi-se !

— Sem baptismo ! pagão ! ?

— Descança ! baptisci-o. Tu não achaste fonte na floresta, eu achei-a bem perto. Olha, molhei-o todo.

— E onde descobriste a fonte, amor ?

— No coração : baptisei-o com lagrimas.



O mineiro

Trilhando a estrada humida, atravez dos campos silenciosos, vai caminho da furna o trabalhador das minas. A neve polvilha-lhe a cabeça, o vento regeladissimo do inverno crispa-lhe as carnes e elle canta, activa os passos, cada vez mais apressado, julgando, a todo instante, ouvir a sineta chamando ao ponto os operarios.

Homens de lavoura passam por elle calmos, tranquillos, embrulhados em gabões pesados; meninos de pastoreio, bocejando alto, olham-n'o e seguem indifferentes, entre pequenas ovelhas friorentas.

A' volta de um caminho cerrado, dando de chôfre em pleno campo, o mineiro levanta os olhos — lá está adiante, sinistramente negra, a casa das machinas, apinhada de gente, como uma colmeia humana.

Chega esbaforido e apresenta-se ao chefe da turma para que lhe registre o nome. Da porta lança um derradeiro olhar para o dia que nasce, aspira a plenos pulmões o ar purissimo da madrugada e, ao tinir da sineta, corre e entra na

jaula que o deve deixar no abysmo tenebroso onde o carvão germina.

Em baixo, na humidade escura, salta, vê fugir o elevador como um esquite vasio e vai pelas galerias dentro até o ponto onde os wagons estacionam e as picaretas, encostadas no silex, esperam pelo braço dos trabalhadores.

Treva cahotica — apenas a claridade da lampada risca um raio de ouro nas paredes da crypta.

O homem curva-se, levanta a picareta e cava, ouvindo o silvo do *grisú* e o rangido dos carros que vão e vêm empurrados pelos apanhadores.

Cantarola, trabalha e, á luz que lhe escorre da lampada, presa á cabeça, o mineiro enterrado descobre o veio occulto e cava-o, fal-o saltar á flôr da terra; cava de novo e sempre até a hora em que a sineta longinqua toca annunciando o fim do trabalho e a ascensão para a luz.

..

Como os mineiros os poetas descem aos profundos abysmos do sentimento — vão ao coração descobrir o veio luminoso dos amôres castos, entram nalma e extrahem-lhe os segredos das paixões sagradas, visitam todas as dôres e todos os sorrisos, colhem o beijo e a lagrima; e ascendem ao paraíso dentro da fantasia — extraordinario elevador do espirito — com esta lampada simples na cabeça — o genio.

A cegonha

Os leões de pello de ouro, ás vezes, na hora quente do meio dia, param nas ruínas, agacham-se algum tempo, espojam-se e, ao cahir da tarde, partem sacudindo a cauda, babando a arcia; os crocodilos sahem d'agua, arrastam-se um momento por entre os capiteis cahidos e mergulham depois. Ella sosinha atura a infinita tristeza.

Foram-se todos os deuses, todos os crentes, os sacerdotes todos, e a cegonha solitaria ficou trepada nos escombros, entre os memnons e as esphynxes de pedra, piando ao sol, piando á lua.

A's vezes, um beduino pára e descança entre os cardos, tocando mandolina ou guzla. A musica desperta a cegonha. A ave triste abre o vôo no espaço quente e foge para um silio abandonado.

O arabe demora-se pouco — o tempo apenas de refrescar o corpo no fio triste d'agua que ser penteia por entre as pedras, silenciosamente, dando a beber aos chacaes e aos ibis melancolicos — pobre lagrima perenne das ruínas.

Ao anoitecer fala ao dromedario, traça o al-

bornoz e parte a galope, cantando, pelo balôfo e morno mar de areia solta.

Então a cegonha volta, batendo as azas e procura o seu isolamento; encolhe-se, guarda uma pata e finca o olhar tristonho no poente em fogo.

E o cremiterio taciturno obumbra-se. De vez em vez a esphyngue, varada pelo vento, guincha pavorosamente.



Meu coração é como essas ruínas.

Foi um templo festivo outr'ora. Deusa eras tu o teu amôr o sacerdote que dia e noite officiava; teus olhos duas lampadas accesas, teus beijos a musica suavissima que acompanhava os psalmos dos meus beijos.

Desappareceste — todo o templo cahiu.

Hoje o meu coração é uma immensa ruína. A saudade, como a triste cegonha, pia dia e noite nos destroços. A's vezes uma lembrança occorre-me e minh'alma, como a esphyngue batida pelo simun, soluça no deserto sem raias do meu isolamento.



De longe em longe uma mulher visita estas ruínas, acha-as, porém, tão desoladas que pouco se demora. A saudade foge por um breve instante. Mas á noite, quando me recolho solitario, a

cegonha volta a piar tão tristemente que chego a pensar que é minh'alma que chora, sem lembrar-me que a saudade não morre, que ella é a cegonha que fica em todos os desmoronamentos do coração para relembrar a felicidade morta.



Indice

A Forma.....	9
Pombos viajantes.....	17
A nau.....	21
A mais feliz das tres.....	25
A salamandra.....	27
Estrellas.....	31
A mina.....	33
Primitivos.....	37
Innocencia.....	41
Selemnus.....	45
No horto.....	49
Fora do paraíso.....	51
Buena-dicha.....	59
Sirynx-o-ideal.....	63
Adagio.....	65
O fogo sagrado.....	71
Pastoral.....	75
Jesus de Nazareth.....	79
Para o inverno.....	83
Lgrimas de noiva.....	91
Frutos do ceu.....	93
Soror Fabia.....	97
A perola.....	101
Christo em Capharnaum.....	103
Edelweiss.....	107

COELHO NETTO

Prisioneiro	109
A sentença.....	113
O espelho de Brigantium.....	117
Zahuri.....	119
O baptismo.....	127
O mineiro.....	131
A cegonha.....	133



